



Governo planeja aposentadoria só para os mortos

O fim da aposentadoria por tempo de serviço é uma das "medidas amargas" planejadas pelo governo pa-

ra a crise que a política do FMI criou na Previdência Social. Trabalhadores só poderiam se aposentar

com 60 ou 65 anos, Previdência, a renúncia do ministro Beltrão da no país é de 61 e a volta de Passari- anos! O colapso na nho, na pág. 3.

Grevistas do ABC vibram golpe no decreto-lei 2.065

Com a paralisação que atingiu 55 mil metalúrgicos, a categoria conseguiu driblar o decreto de arrocho do governo e a intransigência patronal. Pág. 8

Citybank demite diretor cassado do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Leia a carta-denúncia de Molina, o demitido, na página 6.

fala o POVO



É grave o estado de saúde do "Menestrel das Alagoas"

Teotônio fala de sua luta contra a morte

Entrevista inédita com o Senador da Anistia, onde ele fala sobre sua luta contra o câncer. Página 4

EDITORIAL

Atoleiro de mentiras

"Eu sou pela eleição direta. Mas no momento não há possibilidade... o meu partido não abre mão de eleger o futuro presidente" — foi o que declarou o general Figueiredo em entrevista à imprensa na Nigéria. Há poucos dias ele tinha espalhado esta mesma idéia, mas depois resolveu dizer que era só "uma brincadeira".

Figueiredo diz que é pelas diretas porque este é um anseio geral dos trabalhadores, dos democratas e inclusive de setores do PDS desiludidos com o governo. Quer se tornar popular. Mas não tem como transformar as palavras em atos concretos. A substituição do atual governo por um novo, que represente as forças democráticas, patrióticas e populares, assim como as eleições diretas, são exigências urgentes dos brasileiros que não podem ficar à espera das promessas falsas dos generais. Terão que ser conquistadas pela organização e luta do povo.

Por que um presidente se presta a este papel ridículo de apelar para a "brincadeira" ou de recorrer a pretextos desmoralizantes como este de que "o meu partido não deixa"?

A verdade é que jamais passou pela cabeça dos atuais governantes um plano sério de eleições diretas para a Presidência da República. Mas por outro lado, o governo está enfrentando obstáculos intransponíveis para o seu projeto continuísta. Não tem como pôr em prática o seu plano de impor um novo presidente produzido nos laboratórios do Planalto, sob orientação dos generais. Utiliza então sucessivas encenações para ganhar tempo e confundir a opinião pública.

O regime militar tem compromissos de grande envergadura com o capital internacional. E para garantir os acordos assinados, em particular com o FMI, não pode deixar que o poder saia das mãos

da oligarquia fardada que desde 1964 ocupa o Palácio do Planalto. Não quer e não pode mudar este esquema.

Mas a realidade é adversa a esta máfia que controla o país. De toda parte ecoa o protesto contra tanta traição e tantos crimes contra a nação e o povo. Nos últimos tempos, principalmente, estouraram os escândalos da Capem, da revista "O Cruzeiro", da "embaixada 10%" do sr. Delfim Netto, da Coroa Brastel, da Delfin etc., que colocaram a nu um mar de lama onde, de uma forma direta ou indireta, chafurdam as mais altas autoridades do país.

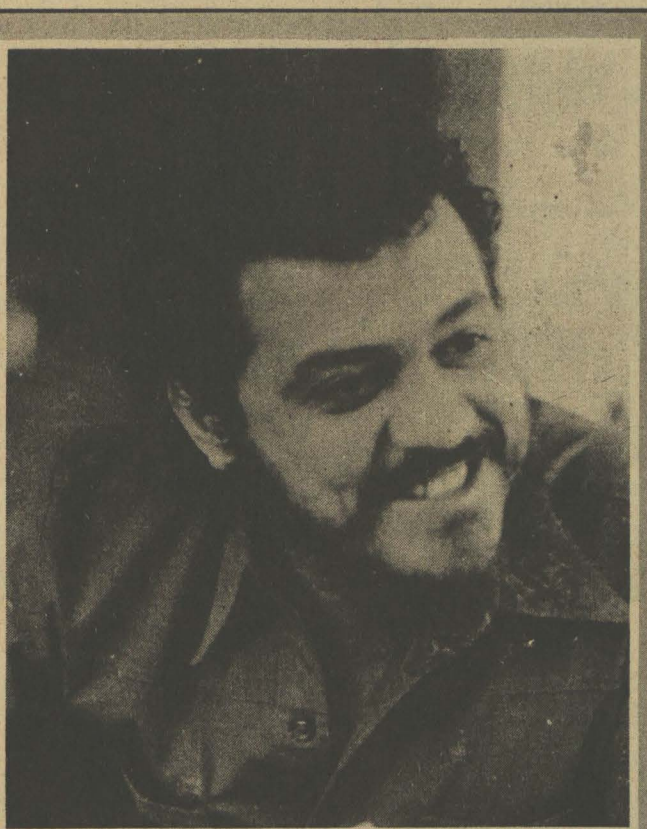
Para desviar a atenção destas ameaçadoras denúncias de corrupção, Figueiredo usa expedientes vários. Ora acena com a possibilidade de indicar o seu sucessor a curto prazo — apesar de saber que não tem as mínimas condições de fazer isto, sob o risco de implodir de vez o PDS e todo o sistema de sustentação política do governo. E ora insinua a disposição de optar por eleições diretas. Depois diz que é "mentirinha".

O Colégio Eleitoral, construído com tanto zelo pelos mestres dos casuísmos para a eleição indireta do presidente, tornou-se potencialmente um instrumento para a derrota do governo, devido ao avanço intempestivo da máquina compradora de votos de Maluf. A eleição direta também não oferece chance para os generais. Pelo voto popular vence quem se apresenta como mais opositorista.

Assim, o regime está num impasse. Não tem mais força para abrir o jogo e impor o que a sua natureza arbitrária e entreguista exige. Mas também não pode, e não quer, fazer mudanças reais no rumo da democracia. Por isto, a cada dia se envolve mais num emaranhado de contradições, de mentiras, de falsificações... Até que o povo resolva o problema.

Gaúchos articulam Congresso Popular

Encontro de moradores decide trabalhar pela unificação do movimento popular gaúcho. Pág. 8



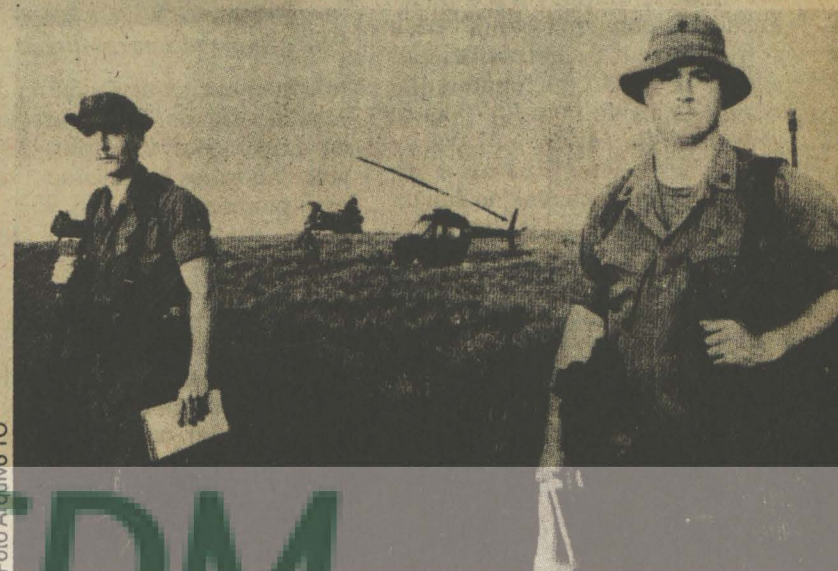
Taiguara: "nosso jeito de amar é guarani"

Taiguara volta para cantar a liberdade

O cantor e compositor lança um disco, após quase dez anos de exílio musical forçado pela censura. As suas idéias, na página 7

Cresce o apoio à legalidade do PC do Brasil

Comunistas chilenos enviam solidariedade internacionalista. Sindicalistas brasileiros também apóiam. Pág. 4



Soldados ianques esperam a ordem para a invasão

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
EUA ultimam o ataque contra a Nicarágua
Milhares de soldados norte-americanos estão na América Central, prontos para o ataque à Nicarágua. Página 2



Soldados sandinistas patrulham a fronteira da pátria ameaçada pelo imperialismo ianque

EUA preparam a invasão da Nicarágua sandinista

Depois de invadir e massacrar Granada, os Estados Unidos ultimam agora seus preparativos para atacar a Nicarágua. O instrumento chave para esta aventura é o Conselho de Defesa da América Central (Condeca), reerguido das cinzas por Washinton há cerca de 50 dias, com esse objetivo expresso. O governo sandinista está alerta.

No início do mês, o jornal "New York Times" denunciou que a última reunião do Condeca já tratou dos detalhes da invasão, elaborando um informe que está sendo estudado por cerca de 40 oficiais dos países membros (Honduras, El Salvador, Guatemala e Panamá). Uma das "recomendações" do informe foi a participação direta dos EUA na invasão. O governo sandinista, da Nicarágua, denunciou os preparativos guerreiros e conclamou a população do país a se organizar para a defesa da pátria ameaçada.

Em toda a região do Caribe e da América Central nunca a presença militar norte-americana foi tão imponente: na zona do Canal do Panamá estima-se que os efetivos ianques foram ampliados para mais de 10 mil homens; em Honduras, os americanos realizam sua mais prolongada manobra de tropas no exterior, que se iniciou em agosto e está prevista para terminar só em março, e na semana passada 1.800 *marines* desem-

OPINIÃO

Nova tática ianque

Diante do agravamento da tensão mundial, o imperialismo americano opta por uma nova tática na sua política internacional. Primeiro passou a colocar a força militar como principal argumento e agora adota a agressão pura e simples como forma de fazer valer seus interesses. É isto que revela a invasão de Granada — que não passa de uma preparação para o verdadeiro objetivo, que é a Nicarágua. É de certa forma um balão de ensaio para medir a reação de seus "aliados" e dos povos.

No Líbano também é a tática do envolvimento militar aberto que toma lugar; e não está fora de cogitação a agressão direta à Síria. No Japão, Reagan deixou claro que o rearmamento dos nipônicos vai ser acelerado, e na

Coreia do Sul não deixou dúvidas sobre seus planos, ao tomar a atitude ridícula de discursar fardado de ex-combatente. Enquanto isso, na Europa, são instalados os primeiros mísseis *Cruise*.

A política expansionista toma assim um rumo muito mais grave. A concorrência tão acirrada com a URSS pelo domínio do mundo, e usando abertamente as ações armadas agressivas, pode resultar, por causa de um conflito mais agudo, num processo incontrolável rumo à guerra mundial.

Mas não basta ver o aspecto da rivalidade das superpotências. A força bruta tem também como alvo direto sufocar a revolução — não é por acaso que os "incidentes" ocorrem onde a revolução se acende.

barcaram em praias hondurenhas, aumentando para mais de 6 mil os efetivos ianques em manobras.

Na Guatemala, a ascensão do general Mejia Victores representou um estreitamento das relações entre este país e Washington, e já se estuda o restabelecimento de uma ajuda militar "normal". No Caribe, os EUA se preparam para montar uma base

militar permanente em Granada, como as que já existem em Trinidad, Tobago, Bermudas, Antígua e Barbados. Sem falar no mais de 3 mil *marines* estacionados em Porto Rico. É esta máquina de guerra que Reagan pretende lançar contra a pequena e heróica Nicarágua, dentro da perspectiva expansionista e de disputa do domínio mundial com a URSS.

Pregação belicista de Reagan, na visita ao Japão e à Coreia

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, concluiu sua viagem de seis dias ao Japão e à Coreia do Sul. Inicialmente a viagem iria até as Filipinas, mas esta programação foi cancelada devido às poderosas manifestações de massa por causa do assassinato de Benigno Aquino. A missão de Reagan foi preparar seus aliados para a guerra na Ásia.

No Japão, Reagan tratou de buscar uma participação maior deste país no eixo Washington-Tóquio-Seul, destinada a intervir em toda a região do Pacífico e da Ásia, contra a União Soviética, e de tentar abafar o crescimento do Japão, enquanto potência imperialista adversária no interior do bloco ocidental.

NOVA FRONTEIRA

Reagan foi enfático ao repetir que o Japão tinha de ampliar o seu poderio bélico para converter-se na "peça chave" do sistema de defesa ocidental na Ásia — região que chamou de "a nova fronteira do mundo" (leia-se nova fronteira dos EUA).

Além das bases aéreas, navais e terrestres dos EUA espalhadas no Japão, Reagan pretende que os japoneses se incumbam de "proteger" as rotas marítimas comerciais até Guam e as Filipinas. Para isto, seria preciso que Tóquio desenvolvesse forças capazes de bloquear os três estreitos que dão acesso ao mar do Japão, às belonaves soviéticas com base em Vladivostok. Visando a esta missão, os japoneses necessitarão comprar algumas dezenas de bilhões de dólares em armamentos sofisticados dos EUA.

O "desequilíbrio no comércio" também foi exaustivamente abordado pelo presidente norte-americano. Na verdade, seu objetivo era combater a crescente pujança imperialista do Japão, que se constitui hoje na principal potência econômica depois dos EUA e da URSS. Em particular, os chefes americanos têm-se alarmado com o deslocamento dos seus in-



Para o imperialismo, os direitos humanos ficam em último lugar

teresses, em diversos mercados, pelo capital japonês. Do comércio externo do Japão, por exemplo, 25% estão vinculados aos americanos, sendo que os japoneses exportam 95% de produtos manufaturados e importam 80% de produtos agrícolas e matérias-primas. O resultado é um enorme déficit de 20 bilhões de dólares para os EUA. Por isto, Washington fez enormes pressões para abrir mais a economia japonesa ao capital americano e valorizar sua moeda, o iene, de modo a tornar os produtos nipônicos menos competitivos no mercado internacional, e para que o Japão compre mais armas dos EUA.

PROVOCAÇÃO

Na véspera da chegada de Reagan à Coreia do Sul, 45 opositores foram presos e espancados, mas isto não mudou em absoluto a programação dos visitantes em Seul. Como disse um dos membros da comitiva, "as questões de segurança na penín-

sula estão acima do respeito aos direitos humanos". O recado de Reagan aos sul-coreanos foi claramente belicista, elogiando muito a Coreia do Sul, que dedica enormes somas para as despesas militares. E prometeu fortalecer seu contingente de 40 mil soldados estacionados na fronteira com a Coreia do Norte, ao qual fez questão de visitar usando roupas militares. Reagan e o presidente sul-coreano, Chun Doo Hwan, praticamente fizeram uma declaração de guerra à Coreia do Norte, pedindo sanções internacionais a este país pela sua suposta participação no atentado de 9 de outubro, que matou quatro ministros sul-coreanos na Birmânia.

A arrogância de Reagan no Japão e na Coreia dá prosseguimento à provocação realizada pelo Japão, com passageiros civis, utilizado em missão de espionagem, e que resultou na morte de dezenas de pessoas atingido pelos mísseis soviéticos.

Separatismo no Chipre, brigas dentro da OTAN

A autoprocamação da "República Turca do Chipre do Norte" agita mais um perigoso ponto de tensão internacional. A decisão dos cipriotas turcos, efetivada no último dia 15, sob pressão da Turquia, cristalizou formalmente uma situação que já perdurava na prática desde julho de 1974, dividindo em duas partes esta estratégica ilha do Mediterrâneo.

Chipre tem uma população aproximada de 700 mil habitantes, a maioria (78%) gregos cipriotas, e cerca de 18% de turcos cipriotas. Esta ilha sempre foi palco de acirradas disputas, devido à sua localização privilegiada do ponto de vista militar.

Em 1960, a ilha conquistou a independência formal. Mas na verdade, de uma forma ou de outra, desde então tem sido massacrada pelas rivalidades entre a

Grécia e a Turquia, tendo como pano de fundo a batalha dos EUA e da Inglaterra — antiga metrópole colonial de Chipre — por áreas estratégicas na disputa com a URSS.

Já em julho de 1974, os generais gregos patrocinaram um golpe visando à incorporação de Chipre à Grécia, para quebrar a relativa "neutralidade" da ilha e colocá-la diretamente nas malhas da Aliança Atlântica. O fracasso desta aventura levou à queda da ditadura grega e ao desembarque de tropas turcas no norte do país. A partir daí, Chipre transformou-se numa federação com duas regiões autônomas.

O novo conflito cria dificuldades para os Estados Unidos na área, uma vez que tanto a Grécia como a Turquia, que estão diretamente envolvidas, são membros do pacto militar agressivo

da OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte —, que serve como base de dominação americana na Europa, e posto avançado no confronto com a URSS.

Os detalhes desta atitude dos cipriotas turcos ainda não são inteiramente conhecidos. Mas é evidente a mão da Turquia, que tem cerca de 25 mil homens em armas na parte norte da ilha. Pode ser uma tentativa do regime ditatorial turco de desviar as atenções do povo, que acaba de infligir uma amarga derrota política aos generais no poder com a vitória da oposição nas eleições, realizadas há duas semanas. Pode ser que, além disto, existam outros interesses menos evidentes das superpotências. Mas de qualquer forma, aventuras deste tipo já custaram a deterioração rápida tanto da ditadura na Grécia, em 1974, como do regime militar argentino no caso das Malvinas.



Inglês é preso por protestar contra a instalação de mísseis dos EUA em seu país

Povo inglês contra a instalação de mísseis

Mais de 350 ingleses foram presos no último dia 15, devido aos protestos contra a instalação dos mísseis *Cruise*, dos Estados Unidos, no país. Os mísseis começaram a chegar na Grã-Bretanha no dia 12, sob fortes protestos populares. Enquanto isso, na França, bispos católicos emitiram uma nota apoiando a instalação das armas nucleares na Europa.

Até dezembro, os Estados Unidos pretendem instalar, com apoio de governos locais, 32 mísseis *Cruise* e 9 *Pershing-2*, na Europa. Contra esta negra intenção, estão os povos europeus. Logo à chegada das primeiras peças dos *Cruise*, dia 12, na Inglaterra (lá serão instalados 16 destes mísseis até dezembro), homens e mulheres realizaram manifestações de protestos. No dia 15, o ministro da Defesa britânico, Michael Heseltine, levou um banho de tinta na Universidade de Manchester. E em Greenham Common, centenas de mulheres atacaram seus corpos, com cor-

rentes, às cercas da base militar que sediará os mísseis. Cada míssil *Cruise* tem 16 vezes mais potência do que a bomba que destruiu Hiroshima, em 1945.

Para contrapor-se às fortes mobilizações populares contrárias a instalação de mísseis em solo europeu (também a URSS anunciou aumentar seu arsenal atômico, ocorrendo manifestações contra a corrida armamentista na Romênia que envolveram 30 mil pessoas), os bispos da Igreja Católica na França divulgaram um manifesto intitulado "Ganhar a Paz". Nele falam de

"pressões constantes nas democracias ocidentais" e defendem a ida dos mísseis norte-americanos ao Velho Mundo. Ao mesmo tempo, o comandante-chefe da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), general William Rogers, vociferou: "Se vocês querem uma guerra, sigam as sugestões do movimento pacifista". E teve a petulância de dizer que a organização guerreira que chefiava "o maior movimento pacifista do século"!!!

Contrariando os desejos de seus povos, os governos da Itália e da Alemanha reafirmaram a decisão de dar guarida aos mísseis ianques. E os EUA, em meio à euforia belica, aprovou seu orçamento militar para 1984: será de 253 bilhões de dólares (mais de duas vezes a dívida externa brasileira), 5% maior do que o orçamento deste ano.

Leia e assine a Tribuna Operária

O jornal Tribuna Operária ajuda-nos a levar a luta para a frente, por que é um jornal dos operários. Ele, na sua luta do dia-a-dia, tem dado uma grande ajuda para os trabalhadores rurais e ope-

rários. Eu levo o jornal para o campo. O pessoal gosta de ler, quer ler a Tribuna Operária. José Cicero, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Viçosa, Alagoas.



Desejo receber em casa a Tribuna Operária

() Anual de apoio (52 edições)	Cr\$ 10.000,00
() Anual Comum (52 edições)	Cr\$ 5.000,00
() Semestral de apoio (26 edições)	Cr\$ 5.000,00
() Semestral comum (26 edições)	Cr\$ 2.500,00
() Exterior Anual	70 dólares

Envie cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Rua Adoniram Barbosa, 50, antiga Travessa B, (Luz Antonio) - Bela Vista - São Paulo, SP.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Graboys



Haroldo Lima: "A chapa única afasta a ameaça de implosão do PMDB"

Acordo para chapa única no PMDB

No próximo dia 4, o PMDB vai eleger seu novo diretório nacional, na convenção a ser realizada em Brasília. A frente oposicionista esteve ameaçada de ruptura, com a luta pela direção do partido. O deputado federal Haroldo Lima, vice-líder do PMDB na Câmara, fala à *Tribuna Operária* sobre a chapa única que será apresentada à convenção nacional:

T.O. Como foi a articulação da chapa única para o diretório nacional?

Haroldo. O grupo moderado, mais ligado ao governador de Minas, Tancredo Neves, há muito tempo vinha trabalhando na articulação de uma chapa. Em resposta, um grupo mais progressista na Câmara Federal também começou a se movimentar. Tardamente, e cometendo equívocos. Chegou a prevalecer uma certa discriminação aos setores comunistas. Contudo, com a força crescente do grupo *Unidade*, de Tancredo, os setores progressistas tiveram que romper com as discriminações, e compuseram uma frente mais ampla, chamada *Travessia*. Frente a essa polarização, surgiu um setor intermediário, que se denominou *Pró-Partido*.

T.O. Houve ameaça de ruptura?

Haroldo. Acho que a constituição da chapa única, levando em conta esses três setores, acabou afastando a ameaça de implosão do PMDB. O grupo tancredista terminou sendo uma força numericamente mais expressiva na direção do partido. Mas

o grupo *Travessia* terminou aparecendo como a representação mais combativa. Nunca houve, na direção do Partido, um grupo progressista tão expressivo como o que hoje se faz representar no diretório. O afastamento de Francisco Pinto da secretaria geral do PMDB foi uma vitória do grupo *Unidade*. Mas circulam abaixo-assinados reivindicando à direção do partido que uma das vice-presidências seja destinada a Francisco Pinto. Se Miguel Arraes e Chico Pinto ficarem como vice-presidentes, isso resguardará em muito a fisionomia oposicionista do PMDB, considerando que, lamentavelmente, o senador Teotônio Vilela não tem uma presença efetiva.

T.O. Qual o papel de Ulysses Guimarães nesse episódio?

Haroldo. O presidente do partido, Ulysses Guimarães, tem a grande virtude de ser um elemento oposicionista. Tem a compreensão de que não há futuro no Brasil fora de um posicionamento contrário ao regime. Contudo, ele se situou numa posição de acima das tendências. O governador Tancredo Neves insistiu em colocá-lo à margem das negociações. Mas ele se esforçou por prestigiar *Travessia* e *Pró-Partido*.

T.O. E a sucessão presidencial, como ficou nisso?

Haroldo. Comenta-se que haveria um entendimento entre diversos setores a partir dos quais, havendo eleições diretas, prevaleceria a candidatura Ulysses Guimarães. Prevalecendo as indiretas, sairia eventualmente o governador Tancredo Neves como candidato.



Alunos do Centro de Instrução de Guerra na Selva, na Amazônia

EUA querem apoio do Brasil contra FMLN

Os Estados Unidos estão dando mais uma ofensiva no sentido do atrelamento completo do governo Figueiredo aos seus projetos guerreiros. Após a utilização aberta dos militares brasileiros nas pressões para que o governo do Suriname rompesse suas relações com Cuba, e após o episódio de interceptação dos aviões Libios que levavam armas para a Nicarágua sandinista, os EUA querem agora o envolvimento de nosso país no combate aos patriotas da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional de El Salvador (FMLN).

Foi noticiado recentemente que o exército ianque quer a "cooperação do Exército brasileiro no campo de treinamento para guerra na selva, em face das dificuldades que os norte-americanos vêm encontrando para combater os movimentos guerrilheiros em El Salvador".

Segundo essas notícias, o Brasil "dispõe do mais avançado curso de especialização em combate à guerrilha na selva, ministrado pelo Centro

de Instrução de Guerra na Selva — CIGS —, com sede em Manaus".

O Exército brasileiro notabilizou-se, no combate à Guerrilha do Araguaia, no início dos anos 70, por cortar a cabeça dos prisioneiros de guerra que capturava. Daí, talvez, a observação do noticiário de que as técnicas desenvolvidas pelo CIGS faltaram "aos americanos na Guerra do Vietnã e continua faltando em El Salvador".

Os norte-americanos frequentavam os cursos do CIGS. Mas essa prática diminuiu, com a denúncia do acordo de cooperação militar entre Brasil e EUA. Militares franceses, uruguaios, bolivianos, portugueses e oficiais de outros países continuaram frequentando os tais cursos. E a partir de 1984 voltará a intensificar-se a presença dos norte-americanos nesses treinamentos, independentemente de qualquer novo acordo de cooperação militar entre nosso país e os ianques.

"Se tiver que tomar medidas amargas, não tenham dúvidas de que as tomarei". Com essa promessa o coronel Jarbas Passarinho substituiu o demissionário Hélio Beltrão no Ministério da Previdência Social ameaçado de colapso completo. A ordem do FMI é arrochar também neste setor, a começar provavelmente pelo fim da aposentadoria por tempo de serviço.

O ex-ministro Beltrão demitiu-se no dia 11, no auge de uma complicada briga com seu colega Delfim Netto (veja o box ao lado). E ao pedir as contas revelou a existência de um colossal déficit — um buraco de 420 bilhões de cruzeiros entre a receita e a despesa da Previdência Social. O rombo ressurge menos de dois anos após o tristemente famoso "Pacotão da Previdência", de 29 de dezembro de 1981, que elevou as alíquotas descontadas dos salários para o INPS. E volta como consequência direta da política econômica do governo Figueiredo, comandada pelo FMI.

Esta política provoca uma brusca redução nos recursos arrecadados pelo sistema previdenciário, enquanto os gastos se mantêm e até aumentam. Só podia dar, portanto, na crise que acabou de estourar.

Do lado da receita os fatos da queda são vários. O achatamento dos salários reais, após quase um ano de vigência dos decretos de arrocho, reduz automaticamente os descontos para o INPS. A proliferação do desemprego igualmente, pois quem é demitido deixa de contribuir para a



Aposentados, provavelmente as primeiras vítimas de Passarinho

Previdência. Além disso, a crise e a recessão estimulam o velho hábito dos patrões, de dar o calote nas suas contribuições para o sistema. O mesmo faz o governo Figueiredo, que desde 1980 não paga sua cota argumentando com cinismo que é preciso reduzir os gastos públicos. Só em 1983 este calote governamental foi de 520 bilhões de cruzeiros.

Na parte da despesa, entretanto, as pessoas continuam se aposentando, ficando inválidas ou doentes, no mesmo ritmo que antes e até com mais frequência — já que a crise significa piora global das condições de vida dos trabalhadores, inclusive na área da saúde.

APOSENTADOS EM PERIGO

Esta situação conduziu a um gargalo. Em janeiro próximo, o INPS terá que pagar o 13º salário dos aposentados, e não tem como. Beltrão pediu que o governo arcasse com os 420 bilhões necessários para tapar o buraco, mas Delfim Netto só soltou 100 bilhões e Figueiredo deu mão forte ao super-odiado secretário do Planejamento.

O plano do governo é aplicar à receita do FMI para estes casos: cortes drásticos nos gastos públicos, especialmente para fins sociais, e descarga de todo o ônus da crise nas costas dos trabalhadores.

Entre as medidas levanta-

das como possíveis saídas para o rombo da Previdência, durante o episódio da troca de ministros, a que ganhou proporções mais ameaçadoras foi o fim da aposentadoria por tempo de serviço. Quem quizesse se aposentar, teria que esperar primeiro chegar aos 60, ou mesmo aos 65 anos de idade. "Deverá haver uma alteração na idade limite para aposentadoria" — disse Passarinho, antes mesmo de assumir, argumentando que os brasileiros se aposentam muito cedo, embora sem citar ele próprio (como coronel da reserva, Passarinho aposentou-se aos 48 anos).

SÓ DEBAIXO DA COVA

A medida planejada mostra-se particularmente perversa no quadro brasileiro. Afinal, segundo as estatísticas, a média de vida dos brasileiros é de apenas 61 anos — número que se reduz mais ainda entre os operários e camponeses. Caso seja implantada esta medida, por sinal defendida há anos por Delfim Netto, o Brasil estaria recorrendo a um macabro sistema de economia: só aposentaria o trabalhador depois de morto.

Há ainda outras medidas em estudo. As alíquotas tiradas dos salários para a Previdência, que eram de 8% e com o "Pacotão" de 1981 passaram para 8,5 a 10% poderiam subir ainda mais. Outros cortes no orçamento dos trabalhadores podem vir com a supressão do salário-família, do auxílio-natalidade, do auxílio-mortalidade. Há ainda um plano para cortar o pagamento aos aposentados que voltem a trabalhar para completar seu sustento — com a alegação cínica de que, se trabalham, é porque não precisam receber a aposentadoria.

Todas essas possibilidades enquadram-se na mesma política de fazer os trabalhadores pagarem pela crise do sistema previdenciário, embora não sejam nem de longe os culpados por ela. É a lógica espoliadora do FMI, transformada em doutrina de governo pelo general Figueiredo.

Beltrão saiu brigando com Delfim

Ter um Ministério na mão ajuda ou atrapalha um "presidenciável"? Hélio Beltrão tinha dois — o da Previdência e o da "Desburocratização" — mas preferiu abandoná-los e entrar em choque aberto com seu colega Delfim Netto. Acha que assim fica mais fácil batalhar para ser o sucessor de Figueiredo na Presidência da República.

Embora nunca tenha corrido a uma eleição, Beltrão era apresentado na grande imprensa como o mais popular dos ministros de Figueiredo, contando com este trunfo em suas ambições presidenciais. Diante da perspectiva de aparecer como aplicador das "medidas amargas" do FMI para o sistema previdenciário, optou por demitir-se e abrir baterias contra o campeão indiscutível de impopularidade no Ministério, Delfim Netto.

Depois de uma primeira polêmica com Delfim, sobre se as causas da crise na Previdência seriam "conjunturais" ou "estruturais", o ministro demissionário radicalizou seu ataque ao titular da Secretaria do Planejamento. "Rejeito, ponto por ponto, as inverdades e sofismas que a nota da Seplan teve a lamentável coragem de transmitir ao público", disse Beltrão. E arrematou: "A receita da Seplan para o Brasil é a de um país sem esperanças e sem



Beltrão, "popular" mas sem votos

Delfim, o tesoureiro vitorioso

futuro, paralisado à espera da incerta solução do problema de nossas contas externas. Trata-se, data vênica, de uma solução tipicamente de tesouraria".

Prevaleceu mais uma vez, contudo, a opinião do tesoureiro. Figueiredo deu mão forte a Delfim e nem agradeceu a Beltrão por seu desempenho no Ministério, mesmo formalmente, no discurso que fez por ocasião da transferência do cargo. Na briga palaciana, ficou evidenciado novamente que não há como fazer diferenciações entre a política do FMI, a política de Delfim e a política de Figueiredo. A política é uma só.

PASSARINHO DE VOLTA
Para substituir Beltrão o general Figueiredo escolheu o coronel Jarbas Passarinho, homem de confiança do regime militar desde o golpe de

1964, ex-governador do Pará, ex-ministro do Trabalho e da Educação, ex-senador pelo PDS e ex-presidente do Senado.

Nas eleições de novembro do ano passado Passarinho perdeu a cadeira de senador, repudiado nas urnas pelo povo paraense, apesar do apoio maciço que sua candidatura recebeu dos órgãos do governo federal. Isto porém não impediu Figueiredo de guindá-lo de volta para a cúpula governante. Pelo contrário, desta forma fica ainda mais garantida a docilidade do novo titular da Previdência diante da política oficial.

Hélio Beltrão foi o 12º ministro a deixar a equipe de governo de Figueiredo. Destas baixas ministeriais, a maioria deveu-se às disputas internas provocadas pelo desgaste que vai corroendo o regime militar.

O passeio de Figueiredo à África

A visita do general-presidente Figueiredo a cinco países da África, iniciada segunda-feira, 14, não despertou o menor interesse da nação. Afinal, a viagem visou apenas recuperar o pequeno prestígio angariado pelo governo brasileiro com a política do "pragmatismo responsável" desenvolvida no continente africano, possibilitando desta forma uma certa reanimação das já deterioradas relações comerciais.

Desde quando os generais de plantão assinaram a

carta de rendição ao FMI e passaram a submeter totalmente a nossa economia aos credores estrangeiros para pagar a dívida externa, as relações comerciais com os denominados países do "terceiro mundo" ficaram abaladas. No passado, no governo Geisel, o Brasil chegou a reconhecer a independência de Angola e Moçambique e a condenar o sistema racista do apartheid na África do Sul, destoando das orientações norte-americanas. Esta política do "pragmatismo responsável" tinha

como objetivo unicamente facilitar o escoamento dos produtos brasileiros no mercado africano. Com a crise econômica e o aumento do poder de mando dos banqueiros internacionais, através do FMI, estes truques diplomáticos foram deixados de lado.

Agora o governo tenta recuperar a credibilidade, numa busca desesperada de mercado. O principal produto das negociações nesta viagem é o material bélico. No primeiro país visitado por Figueiredo, a Nigéria, foi assinado um acor-

do que prevê a venda de 2 bilhões de dólares em armamento a este país. O acordo também fala num programa de cooperação militar, em que os "mestres" brasileiros ministrarão aulas sobre a doutrina de segurança militar e darão lições de como reprimir o povo.

Sem conseguir fugir ao quadro de crise e submissão à visita para poucos frutos, o Brasil virá apenas como mais uma vítima do Figueiredo que, já que não governa, passeia muito.

O senador da Anistia na batalha contra a morte

Teotônio Vilela, o senador da Anistia e da resistência patriótica ao FMI, corre sério risco de vida. De volta a sua terra natal, Alagoas, oscila entre períodos de consciência e outros de pré-coma, causados pelo câncer que o atormenta desde o ano passado. Seus médicos avaliam que, do ponto de vista clínico, não há mais nada a fazer contra a doença.

Teotônio Vilela projetou-se como personagem político de primeira grandeza ao romper com o regime militar e pôr-se à frente da campanha pela Anistia, conquistada em 1979. Mais tarde, lançou-se com o mesmo ímpeto na luta pelo rompimento dos acordos com o FMI e por uma solução patriótica para o problema da dívida externa. Já alquebrado pela doença, percorreu o país de ponta a pon-

ta nesta pregação, sem dar tréguas ao governo dos generais e à sua política antinacional. Embora sendo um político vindo das classes dominantes, revelou uma rara sensibilidade para o papel das massas populares no processo político.

O Brasil inteiro acompanha agora a batalha do velho senador contra a morte, em que Teotônio mostra a mesma coragem já patenteada nas lutas pela democracia e pela independência nacional, como atesta este trecho de uma entrevista concedida à Tribuna no início do ano:

Tribuna Operária: Esta pergunta é mais no plano pessoal. O Brasil acompanha a luta difícil e dura que o senhor tem travado contra a doença. E muitos brasileiros se perguntam o que impele

uma pessoa como o senhor a desenvolver uma atividade intensa como tem sido a sua, quando haveria todos os motivos pessoais para se recolher a um merecido descanso...

Teotônio Vilela: É um problema de estrutura pessoal. Eu toda vida desenvolvi uma atividade muito grande. E mesmo lutando com toda sorte de adversidade, é da minha natureza, da minha estrutura. E espero continuar assim. Até enquanto puder.

Há outros tipos de pessoas que na minha idade, 65 anos, com as coisas adversas que me têm saltado pela frente, já estariam recolhidas a uma rede, num canto, me recidamente, como você acabou de dizer. Estariam aposentadas. Mas eu não posso. Há um impulso interior,

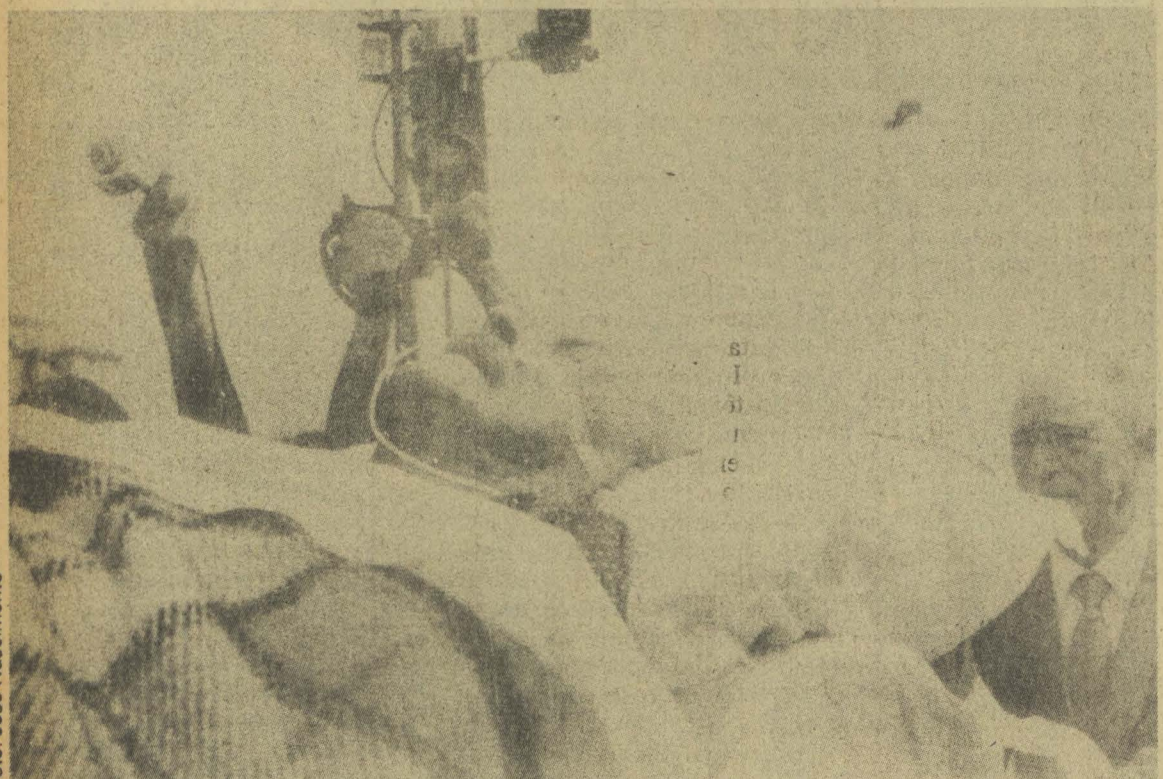
um impulso vital dentro de mim, tão forte que eu não consigo de maneira nenhuma evitar que ele faça com que eu ande, pense, desenvolva o raciocínio, proteste, participe ativamente da vida brasileira e sobretudo me preocupe com a minha pátria.

“Eu sou um patriota. Isto eu digo com muita arrogância. Sou. Por isto luto. Por isto eu não posso parar.”

Este impulso vital está dentro de mim. Eu não posso descrevê-lo. Até gostaria. Por que andaria eu por este mundo afora, com 65 anos de idade, depois de ter perdido minha mulher, depois de ter criado meus filhos, doente, com câncer?... Por que o faria? Estou ganhando algum dinheiro? Nem mandado mais eu tenho!...

Faço por este impulso vital, que em si próprio engloba um impulso cívico, um impulso patriótico, uma compreensão profunda da realidade nacional, que é grave... e que pouca gente está cuidando dela. Porque, se nós não nos atirmos imediatamente à frente dos acontecimentos, eles vão nos jogar lá fora! E eu sou um patriota. Isto eu digo com muita arrogância. Sou. Em qualquer terreno. Por isto luto. Por isto me empenho em soluções para o meu povo. E sou um humanista. Respeito o homem, acredito no homem.

Por estes caminhos, então, eu não posso parar. E hei de continuar.



Em estado de pré-coma, assistido por Franco Montoro, Teotônio Vilela embarca para Maceió

No Brasil e no exterior, cresce apoio à legalização do PC do B

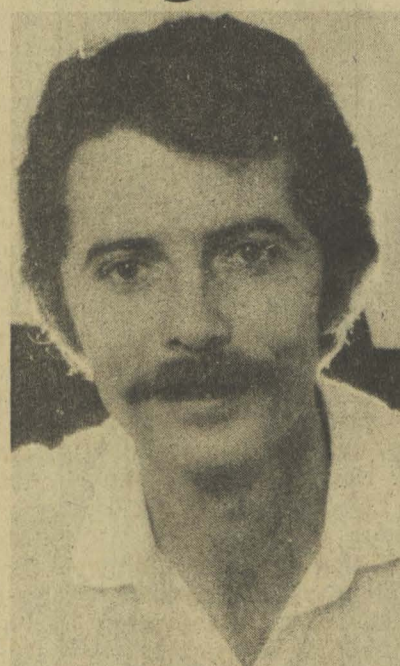
A proibição do ato pela legalização do PC do Brasil — que seria realizado no dia 28 de outubro, na Assembleia Legislativa de São Paulo —, continua sendo repudiada por todos os verdadeiros democratas. Sindicalistas e trabalhadores se pronunciam. E o secretariado do Comitê Central do PC Chileno (Ação Proletária) também enviou mensagem aos promotores do ato. (V. box)

O tesoureiro da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag, Francisco Urbano, afirmou a respeito: “Entendemos qualquer posição do governo contra qualquer organização política, sejam partidos legais ou clandestinos, como um ato arbitrário. A proibição ocorreu porque temos um governo arbitrário, um regime de ditadura, que tem interesse em manter o sistema capitalista”.

Audálio Dantas, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, declarou, por sua vez: “A proibição indica que não superamos o autoritarismo. A nossa luta principal continua sendo pela democracia. Todos os partidos devem ser legalizados, inclusive como parte importante do processo de democratização do país”.

Luís Pinguelli Rosa, presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, agregou: “É um absurdo que seja proibido um ato que visa apenas a levar uma proposta de legalização de uma corrente política. É fundamental abrir espaço para todas as correntes políticas que se proponham a trazer suas posições para um debate aberto na sociedade. Vejo como importante a legalização do PC do Brasil, como de todos os outros partidos que estão colocando esta reivindicação”.

NÃO HÁ LIBERDADE
O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, Edmilson Felipe Neri,



Simão, Professores da PB; Nilson Bahia, Sindiquímica; Edmilson, de Guarulhos; Audálio, Fed. dos Jornalistas; Vitorio, pedreiro

considerou que “a proibição mostrou para o povo que não existe liberdade. Sabia que o governo não ia permitir o ato do PC do B, nem de outro partido que represente os trabalhadores”.

Simão de Almeida, presidente da Associação dos Funcionários da Universidade Federal da Paraíba, foi mais adiante: “O PC do Brasil é um partido que tem uma longa história, que está intimamente ligada à classe operária. Não vejo por que este partido não ter reconhecimento legal, já que seu reconhecimento político está conquistado”.

Vitório Serra Aguiar, delegado de base do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Maranhão, ao Conclat da Praia Grande, também se manifestou: “Só existirá democracia para os trabalhadores, para a classe operária, após a queda deste regime. Devemos lutar pela legalidade do PC do Brasil e de todos os partidos clandestinos”.

E Nilson Bahia, presidente do Sindiquímica da Bahia, reforçou esta opinião: “Não existe democracia sem a le-



Mensagem do PC Chileno

“Através desta breve saudação, nosso Partido, o PC Chileno (Ação Proletária), quis expressar seu apoio à luta pela legalização do Partido-irmão, o PC do Brasil.

“O PC do Brasil soube aplicar, de acordo com as circunstâncias e a vida política do Brasil, uma justa política marxista-leninista, que hoje o leva a exigir a liberdade e o direito de atuar abertamente na vida política de seu país, assim como em circunstâncias passadas o levou a travar decidida-

mente a heróica guerrilha do Araguaia.

“A atual luta da classe operária e do povo trabalhador do Brasil para legalizar sua vanguarda política, o PC do B, não pode deixar de contar com a simpatia e o apoio dos autênticos comunistas, revolucionários e democratas de todo o mundo; daí nosso respaldo e nosso anseio de que o Partido-irmão do Brasil consiga mobilizar o conjunto do povo trabalhador, para impor sua legalidade”.

galidade do PC do Brasil e dos outros partidos. Mas para

isso é necessário o extermínio do regime militar.



Foto: Arquivo TO

Famílias dos desaparecidos no Araguaia visitaram a região, em 1980.

União será julgada por desaparecimento de guerrilheiros

Depois de muita luta e sofrimento, familiares de 25 desaparecidos na luta guerrilheira do Araguaia, no início da década de 70, deram um passo adiante no sentido de obter informações sobre o paradeiro dos combatentes. Conseguiram finalmente instaurar um processo contra a União, na terceira vez em que tentam obter dados oficiais sobre o destino de seus parentes.

Desde que tiveram as primeiras informações sobre a jornada de luta do Araguaia, por volta de 1974, os familiares dos jovens combatentes iniciaram uma longa e árdua peregrinação à cata de informações sobre o paradeiro de seus filhos, netos, sobrinhos e irmãos. E foi só depois da anistia que alguns parentes conseguiram juntar esforços na busca de informações sobre o paradeiro do “povo da mata”, como ficaram conhecidos os guerrilheiros.

Em fins de outubro de 1980, eles realizaram uma caravana ao local da guerrilha, onde distribuíram um comunicado ao povo pedindo informa-

ções sobre os combatentes. Devido à repercussão do fato e com apoio de parlamentares, democratas e da gente do lugar, conseguiram obter alguns dados. Testemunhas informaram, por exemplo, que muitos dos desaparecidos haviam sido presos com vida.

TRÊS PROCESSOS

Ainda naquele ano, os familiares tentaram processar as Forças Armadas, responsáveis pela brutal repressão realizada no Araguaia, exigindo informações sobre o destino dos guerrilheiros. O processo foi indeferido sob o pretexto de que as Forças Armadas era subordinadas à Presidência

da República. Tentou-se, então, um processo contra a Presidência, que também foi indeferido, sustentando-se que o presidente era outro na época da guerrilha... Agora os familiares procuram responsabilizar a União e obter informações. O promotor tentou alegar que o prazo estava prescrito, pois já se teriam passado dez anos do ocorrido. Mas o juiz argumentou que o prazo deveria ser contado a partir da Anistia e acolheu o processo.

Criméia de Almeida, nora do dirigente comunista Maurício Grabois e esposa de André Grabois, ambos desaparecidos na guerrilha, considera que o processo “tem sua importância, já que contribui para tornar pública uma prática desumana e arbitrária do governo militar, que durante todos esses anos ficou restrita ao Relatório Secreto do Exército...”

Palestras nos Estados sobre o Eurocomunismo

O livro “O Eurocomunismo é Anticomunismo”, de autoria do dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, será lançado em vários Estados brasileiros nos próximos dias. Nos lançamentos, serão realizadas as palestras sobre o revisionismo contemporâneo e o papel destacado do PTA e de Enver Hoxha na defesa do marxismo-leninismo. No dia 21, o lançamento ocorrerá

em Goiás, com palestra do jornalista Bernardo Joffily, da Tribuna Operária; no dia 25, será no Rio de Janeiro, com palestra de Rogério Lustoza, diretor da TO; e Ronaldo Carvalho, da direção da Associação de Amizade Brasil-Albânia e editor da revista Principios, realizará palestras nos lançamentos do dia 24, em Pernambuco, 25, na Paraíba, e 26, em Alagoas.



Enver Hoxha.

“O Estado” sofre atentado a bomba

Um carro Voyage, com dois botijões de gás no porta-malas, explodiu na tarde de segunda-feira, dia 14, no pátio de estacionamento do jornal O Estado de S. Paulo. Tudo indica que se tratou de um atentado político, o qual o diretor e proprietário do jornal, Júlio de Mesquita Neto, atribuiu a “inimigos escondidos na sombra”.

As causas e os autores da explosão permanecem obscuros. Porém o jornal que foi vítima do atentado, a despeito de seu conservadorismo, retrucou aos terroristas com um editorial enfatizando que sua postura é: “defender o Erário Público contra as cumplicidades

que vêm da Coisa Nossa; a pureza do processo democrático contra o abastardamento de um sistema eleitoral que serve aos eventuais detentores do poder; a dignidade da função pública contra seu uso indecoroso em casos como Capemi, Coroa-Bastel e muitos outros; a pureza das instituições permanentes da pátria (desta vez o grifo é nosso — TO), cujos representantes jamais deveriam ter se intrinsecado em negócios como os da Capemi”, etc. Para o bom entendedor, meia palavra basta.

Vale recordar que 15 anos atrás, nos idos de 1968, outro atentado a

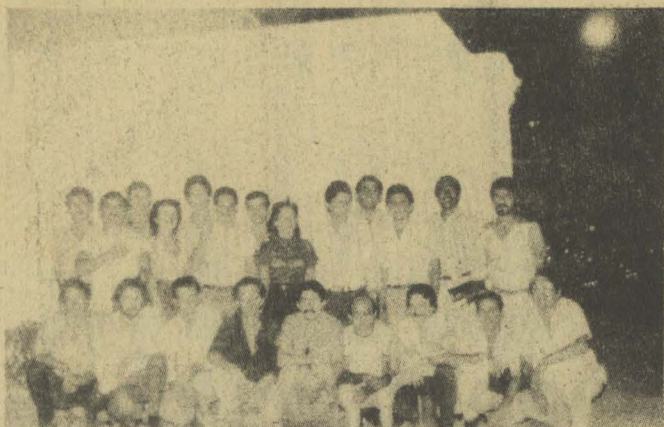
bomba contra O Estado foi atribuído a grupos guerrilheiros de esquerda, porém mais tarde veio à luz sua conexão com órgãos do aparato repressivo policial-militar, na época em furiosa atividade. Agora, aprendida a lição, o jornal do sr. Mesquita deu-se conta mais rapidamente de quem são os prováveis culpados. E não só ele, mas toda a nação sabe muito bem, por amarga e recente experiência sofrida na carne, que os atentados à liberdade de imprensa interessam invariavelmente a esses bolsões do fascismo, que permanecem incólumes nos subterrâneos do regime.

Repudiado ataque à TO

O presidente do Diretório Municipal do PMDB em Maceió, Eduardo Davino, enviou um telegrama à nossa redação afirmando: “Lamento o vandalismo perpetrado contra o jornal da Tribuna Operária. Quero expressar

irrestrita solidariedade e externar nosso profundo repúdio. Como se sabe, no último dia 9, aquela sucursal do O Estado de S. Paulo, em Maceió, sofreu um atentado. O atentado teve um único objetivo: silenciar a voz deste jornal e ameaçar o movi-

mento dos professores. O responsável pela sucursal é o professor Luciano Barbosa, uma liderança da categoria que luta pela melhoria das condições de trabalho. O covarde atentado tem despertado repúdio nos mais amplos setores.



A Chapa 2 quer renovar o Sindicato dos Comerciantes

Comerciários vão às urnas em Fortaleza

Nos próximos dias 28, 29 e 30, os comerciários de Fortaleza escolherão a nova diretoria de seu Sindicato, cuja categoria conta com cerca de 60 mil pessoas. Segundo José Nunes Passos, que concorre à eleição pela Chapa 2, "o comerciário em Fortaleza não recebe hora extra, apesar de sermos obrigados a trabalhar até 4 horas além da jornada normal. Os vendedores só ganham comissão, e têm que trabalhar até 12 horas por dia, para conseguir sobreviver".

Para impor esse grau de exploração, os patrões realizam "uma média de 60 demissões por dia", denuncia José Passos, que continuou: "Trabalhamos em pé o dia inteiro. Na loja 'A Esmeralda', o pessoal tem que

trabalhar aos sábados, até às 20 horas. O Romcy obriga os funcionários, homens e mulheres, a se despirem para serem revistados, ao sair. Nas lojas 'Americanas' e nas 'Brasileiras', os comerciários são responsabilizados por qualquer coisa que desapareça em sua seção".

Contra essa situação é que a Chapa 2 - Oposição e Renovação Comerciária está batalhando. O atual presidente da entidade, Haroldo, que concorre pela Chapa 1, trata-se de um pelego, há mais de 12 anos encastelado na entidade, e que teve o deslante de conceder o título de "Amigo dos Comerciantes" a vários dos maiores empresários do comércio local. (da sucursal).

Estudantes realizam Coneg e eleições

No dia 14 de novembro, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, UBES, realizou um Conselho Nacional de Entidades Gerais, no Rio de Janeiro. O Coneg reuniu 120 delegados de 51 entidades de 14 Estados. Tirou como resoluções engrossar a campanha por eleições diretas para presidente da República e pelo fim do regime militar, bem como apoiar a unificação do movimento sindical. Marcou o Congresso da UBES para 11, 12 e 13 de maio, no Rio de Janeiro, e definiu como metas prioritárias dos secundaristas nos próximos meses uma campanha pela suplementação de verbas para as escolas públicas, pela negociação dos aumentos das anuidades nas escolas pagas e contra a obrigatoriedade das taxas de APM.

ELEIÇÃO EM S.PAULO
Nos dias 9, 10 e 11 de novembro, realizaram-se eleições para a diretoria da União Municipal e da União Paulista dos Estudantes Secundaristas. Para a entidade municipal votaram 28 mil estudantes e para a estadual, cerca de 70 mil um número ainda muito reduzido, levando-se em conta

que o Estado tem, cerca de 4 milhões de secundaristas. Em ambas as eleições venceu a tendência Alicerce.

Viração, ficou em segundo lugar.

CONGRESSO EM GOIÁS

Com a participação de mais de mil estudantes e 739 delegados, realizou-se no último dia 6, em Goiânia, o congresso da UMES, que homenageou o líder secundarista Marco Antônio Dias Batista, assassinado pela ditadura. O Congresso aprovou a formação de uma diretoria provisória escolhida pelo voto proporcional dos delegados, com a tarefa de encaminhar os trabalhos da entidade até março, quando haverá eleições diretas.

Em Porto Alegre, a chapa **Reconstrução** ganhou a eleição para o grêmio do Colégio Estadual Júlio Castilhos, um dos maiores da capital gaúcha. O presidente eleito, Éros de Moraes Almeida, definiu a vitória como "um avanço para o movimento secundarista de Porto Alegre e um impulso para o fortalecimento das entidades estudantis".

"Oposição Unida" vitoriosa em Guaíba

A chapa **Oposição Unida** venceu as eleições para o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel e Papelão de Guaíba, município da Grande Porto Alegre. A oposição já havia derrotado a situação no primeiro turno, ampliando na segunda rodada a diferença: foram 823 votos contra 567. Para Richelmo Pillar Lopes, presidente eleito, foi "uma vitória importante para os trabalhadores de Guaíba, pois tirou o Sindicato de 15 anos de inércia. Foi o resultado de muita luta da categoria, já que esta diretoria não correspondia aos interesses dos trabalhadores".

Carlos Boeira, eleito

secretário, revelou que de início "faremos uma campanha de sindicalização, além de elegermos nas fábricas os diretores sindicais que, até agora, vinham sendo indicados pela diretoria da entidade". A oposição, ao assumir a entidade no dia 17 de dezembro, deverá ainda promover uma auditoria para averiguar possíveis irregularidades administrativas. Boeira salientou também que "defenderemos a unidade do movimento sindical e apoiaremos as bandeiras comuns da CUT e do Conclat, para avançar na luta pela mudança do regime militar" (da sucursal).

Desemprego traz morte às famílias dos trabalhadores

Na manhã do dia 6, desesperado por estar desempregado há mais de dois anos, o pedreiro José Andreza de Souza, de 34 anos, matou seus quatro filhos e se suicidou. Um dia após, duas outras famílias foram vítimas de tragédias semelhantes. Estes fatos mostram o drama vivido por cerca de 1 milhão de desempregados só no Estado de São Paulo.

O comerciante aposentado Lindolfo Camargo Batista era o dono da construção de dois cômodos, no fundo de sua casa, onde morava José Andreza com seus quatro filhos. "Eu era muito ligado aos filhos dele — afirma Lindolfo. No domingo de manhã eu vi ele pegar um cabro e tirar um varal. Por volta das 8:30h, eu senti cheiro de gás e arrombei a porta. Levei o maior susto quando encontrei os cinco corpos enforcados na cozinha".

Nos últimos dois anos, José Andreza vivia de "bicos", pois não conseguia emprego fixo. Lindolfo conta que ele trabalhava muito bem como pedreiro, carpinteiro e eletricitista, inclusive fizera trabalhos nas casas de muitos vizinhos. "Ele, quando ficava sem serviço, ficava preocupado com a alimentação de seus filhos" — explica Lindolfo.

COMO TRATAR DOS FILHOS?

Quando José Andreza estava trabalhando, quem cuidava da casa era sua filha mais velha, de dez anos. Lindolfo relembra que ele reclamava quando chegava do trabalho e a filha não havia feito a comida porque estava brincando. Sua primeira esposa havia morrido e a outra o abandonou. Um de seus melhores amigos era o ferramenteiro José

Rodrigues Campos, vizinho dele que, ainda muito abatido com a morte de Andreza, recordou que o companheiro lhe havia dito que "não estava tendo onde trabalhar para tratar dos filhos".

O desemprego e a situação de extrema miséria com que estas famílias estão vivendo acabam levando ao desespero. Como no país não existe o salário-desemprego, quem perde o emprego fica sem nenhuma condição de subsistência. Daí, quem não consegue algum "bico" para subsistir, muitas vezes se desespera, como ocorreu com José Andreza, em Diadema.

Um dia após a tragédia onde morreram o pai e seus quatro filhos, o desespero atingiu outras duas famílias. Em Suzano, cidade da Grande São Paulo, a empregada doméstica Maria de Lourdes Silva Ferreira, de 24 anos, deu um tiro na cabeça de sua filha de oito meses e logo em seguida tentou o suicídio, disparando dois tiros contra o peito e o ouvido. A criança morreu e a mãe está em estado grave no hospital. Maria de Lourdes deixou um bilhete afirmando que não tinha condições de manter a filha e terminava dizendo: "Não sei como resolver esse problema".

DESEMPREGADO LINCHADO

José Itamar dos Santos, pedreiro desempregado há dois anos, resolveu assaltar o comerciante Ademar da Silva e levar um pacote de 10 quilos de arroz para alimentar os cinco filhos. No assalto, o desempregado feriu no braço o comerciante, que pouco depois reuniu cerca de 40 pessoas e, juntos, foram até o barraco onde morava José Itamar e o lincharam.

José Itamar nos últimos dois anos vivia dos trabalhos temporários que fazia como ambulante. Por volta das 21 horas, ele já estava deitado no seu barraco de dois cômodos no Jardim Novo Horizonte, em Carapicuíba, quando os populares chegaram armados de facas e pedaços de pau. Ele foi espancado até a morte em frente aos seus cinco filhos, enquanto sua mulher gritava inutilmente por socorro.



Foto: AG

José Andreza e seus quatro filhos mortos

Lavradores e desempregados ocupam fazenda no Pontal

Mais de 300 pessoas ocuparam, no último dia 15, a fazenda Rosanela, no município de Teodoro Sampaio, região do Pontal, extremo Oeste de São Paulo. Os ocupantes são desempregados que denunciaram sofrer "privações, ao lado de terras férteis e ociosas".

Das ilhas do Paranapanema chegaram 25 homens desabrigados quando das cheias ocorridas entre dezembro e março últimos. Aos gritos de "queremos plantar e comer", eles anunciaram que outras dezenas de antigos lavradores estavam na mesma situação desesperadora. Operários dispensados de empreitadas das Centrais Elétricas de São Paulo (Cesp) nas usinas de Rosana, Taquarçu e Primavera também participaram da ocupação.

"LUTA INGLORIA"

O presidente do diretório municipal do PMDB local, Gerson Caminhoto, mostrou simpatias pela ação dos desempregados e sem-terra: "Essa gente trava uma luta inglória", afirmou.

O delegado de polícia de Teodoro Sampaio afirmou que desconhece qualquer medida oficial contra os ocupantes, mas não afastou a possibilidade de a Justiça acionar a Polícia Militar a qualquer momento para desalojá-los. Dirigentes do PMDB na região pretendiam ter um encontro com o governador Franco Montoro, para interceder em favor dos lavradores e operários que foram para a fazenda Rosanela.

Favelados do Rio votaram e vão ao palácio cobrar

Os moradores das 23 favelas de Jacarepaguá e Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, têm tido uma amarga experiência de convivência com o governo estadual, dito socialista, de Brizola.

Cansados de esperar por um pronunciamento concreto da administração estadual para a falta de esgotos, de saneamento básico e de urbanização das favelas, eles decidiram apresentar suas reivindicações diretamente ao governador. Na segunda-feira,

dia 14, cerca de mil favelados compareceram ao Palácio da Guanabara, com faixas e cartazes, cantando "O povo votou/ e agora vem cobrar/ queremos esgotos/ pra Barra e Jacarepaguá". Porém o governador Brizola estava viajando. E o vice-governador, Darcy Ribeiro, que estava no palácio, não quis falar diretamente com o povo. Seus assessores disseram que Darcy só falaria com uma comissão. (da sucursal).



Foto: Gilberto Farias - Gazeta de Alagoas

Ato público dos Médicos grevistas em Maceió, dia 14.

Médicos param em Alagoas contra Inamps

Desde o dia 7, os médicos de Alagoas vinculados ao INAMPS estão em greve, em protesto pela implantação do famigerado plano do Conasp no Estado. O plano tem sido criticado porque prevê drástica redução dos serviços de assistência médico-hospitalar do Inamps à população, além de rebaixar a remuneração dos médicos de hospitais credenciados pelo Instituto.

A greve paralisou todos os serviços ambulatoriais, hospitalares e laboratoriais vinculados ao Inamps (Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social) em Maceió, exceto os de urgência e emergência. Para contar com o amplo apoio da população, antes de sua deflagração houve um amplo debate com a sociedade para esclarecer a opinião pública. Com isso o movimento grevista teve apoio de praticamente todos os setores da sociedade, que enviaram telex ao ministro Jarbas Passarinho exigindo providências.

Os médicos reivindicam a reabertura de negociações para que o Conasp (conselho consultivo da previdência social) seja modificado, atendendo aos interesses dos médicos, dos hospitais, das casas de saúde, dos laboratórios e, sobretudo, da população previdenciária. Júlio Bandeira, presidente do Sindicato dos Médicos, afirma que já tiveram várias reuniões com o superintendente do Inamps em Alagoas e chegaram mesmo a ter encontro com o presidente do Inamps, Aloísio Salles:

"Ele nos prometeu resposta para breve, mas já passaram quase dois meses e até agora nada".

IRRESPONSABILIDADE DO INAMPS

Sérgio Barroso, diretor do Sindicato dos Médicos e membro recém-eleito da Conclat, afirma que o plano do Conasp "é uma irresponsabilidade porque acarreta a rejeição de pacientes na porta dos hospitais, obriga o médico a dar alta ao doente sem ele estar curado e impede até que a medicação seja administrada".

"Um paciente com câncer, por exemplo, precisa de um tratamento inicial de 50 a 60 dias — afirma Júlio Bandeira. Mas o Conasp só permite o internamento por 12 dias. Há casos de cancerosos em Maceió que estão sendo mandados para casa sem sequer terem iniciado corretamente o tratamento, sentindo fortes dores e hemorragias. Pacientes com fraturas no braço têm que ser restaurados sem anestesia, porque o Inamps não paga". (da sucursal).



Os trabalhadores rurais de Santa Luzia querem um Sindicato, que defenda seus direitos

Lavradores votam na Chapa 2 em Sta. Luzia

A Chapa 2 saiu vitoriosa nas eleições para a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia, no Maranhão, realizada dia 13. Os pelegos e policiais da atual diretoria e apoiadores da Chapa 1 foram derrotados mesmo com a ajuda que receberam do GETAT, do Exército e da prefeitura local. Haverá segunda votação e a Chapa 2 deverá ampliar a vitória.

A área de atuação do Sindicato é num município onde de um lado estão grandes projetos agropecuários, que dominam imensas extensões de terras através da grilagem e de outros milhares de posseiros. Através do trabalho destes últimos, Santa Luzia é um dos maiores produtores de arroz e mandioca do Estado.

Devido a esta importância do município, o governo e os latifundiários têm interesse que o Sindicato permaneça nas mãos de pelegos e policiais como Honorato Santana e Esmeraldo Ferreira. Este último, atualmente tesoureiro, é candidato a presidente pela Chapa 1, a qual conta com a ajuda do Getat, do Batalhão de Infantaria da Selva (BIS) de Imperatriz e Marabá, do Mobral, da prefeitura e da Delegacia Regional do Trabalho que organizaram uma ação assistencialista denominada Operação Pindaré.

No povoado do km 100, por exemplo, vieram mais de 100 soldados do

Exército. Para outros locais foi mobilizada a PM maranhense. Agentes da Polícia Federal se espalharam por todo o município. Foram distribuídas grandes quantidades de medicamentos. O comando da Operação Pindaré distribuiu instruções para que os mesários impedissem a votação nos redutos da Chapa 2.

VITÓRIA DA CHAPA 2

Mas apesar de todo este aparato policial e de intimidação, os lavradores deram vitória à Chapa 2, encabeçada por Ze Pedro e Nivaldo. A apuração foi bastante tumultuada mas, apesar de terem anulado mais de 200 votos, a maioria da Chapa 2, que obteve 734 votos contra 705 da Chapa 1. Entretanto, o DRT disse que a Chapa 2 não poderia ser considerada vitoriosa, pois havia uma nova votação. Os trabalhadores rurais deverão votar novamente outra vez na Chapa 2, porque esta defende os seus direitos. (da sucursal).



Nascerá no Brasil a flor do socialismo

Recebemos uma cópia da carta abaixo, enviada à Comissão Nacional pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil. Decidimos publicá-la porque defendemos a legalização dos partidos clandestinos. E porque o PC do Brasil foi proibido de realizar um ato em favor de sua legalidade no dia 28 de outubro, na Assembleia Legislativa de São Paulo.

Outubro. Estamos no coraço de nossa companheira primavera. Outubro. Me alegro pensar que foi exatamente neste mês (claro que em outra circunstância climáticas) que vingavam, brotavam, na velha Moscou, as pétalas vermelhas da inestimável companheira primavera. Ali nascia a flor

do socialismo sob a batuta do camarada Lênin e as fileiras do Exército Vermelho. Estou feliz por saber que as forças progressistas do Brasil estão tomando campo. Outubro. Estou mais feliz ainda por saber que o Partido Comunista do Brasil tem sido e continuará sendo, graças à certeza e confiança no homem, a vanguarda desses avanços.

Com certeza na vitória e com a resistência em nossos braços conquistaremos a bandeira da Liberdade. E sepultaremos, sob o céu de nossa Pátria, a carcaça do fascismo, a carcaça do malvado sepultaremos para sempre. (T.B.-Goiania, Goiás).

Rosa do Amazonas

Poesia dedicada a João Amazonas, do comitê pela legalidade do PC do Brasil.

Me alegro a vida saber que a morte me transformará em terra misturada à terra do meu país.

Serei Brasil em minha extensão o meu coração virado em pó pulsará no interior do chão sentindo as emoções mais sublimes

que o povo sente, e sofrirei como sofri em vida, sentindo do meu corpo-Brasil a necessidade Operária de Libertação!

E ouvirei a marcha

do meu povo para a

Vitória e sobre meu corpo de chão Latino-Americano correrá o sangue quente do sonho realizado.

Cessados todos os tiros... Tombados os imperialistas e quebradas suas fábricas de ambição

Ouvirei o coro igual de todos os homens iguais cantando ao amanhecer o hino da Internacional!

(A.D.—Rio de Janeiro, RJ).

“Hospital do Povo” é presente de grego

Queremos através deste jornal denunciar um caso absurdo que aconteceu em Esperantinópolis. O povo fez uma grande luta com abaixo-assinado pedindo a construção de um hospital na cidade. Foram até São Luís. O hospital foi feito, mas o atendimento não está bom. Uns ainda têm a sorte de chegar lá e encontrar material de cirurgia, médico, etc. Outros chegam e não encontram médico nem esparadrapo, nem anestesia. Já morreu gente por falta de assistência.

No dia 17 de outubro Dona Cleonice, do povoado de Mão-Cheinha trouxe uma mulher para dar à luz. Quando chegou foi recebida com muito desaforo por uma mulher que se diz enfermeira. Essa tal enfermeira disse que era para tirar aquela gestante dali, pois não tinha médico, que era

preciso tirar “aquela imunidade” dali. Dona Cleonice alegou que não tinha para onde levar a paciente. E a enfermeira afirmou então que podia deixá-la mas que ela não se responsabilizava por nada. Dona Cleonice então levou a mulher para o hospital do Dr. Freitas, mas ele não estava. Dirigiu-se então ao hospital D. Pedro mas lá também não foi atendida. Levaram a mulher, gritando de dor, para o hospital do Povo. E de lá mais uma vez para o hospital D. Pedro, onde finalmente foi atendida por uma enfermeira, que fez o parto. Só depois chegou o médico para costurar o perineo. Assim está a assistência no Hospital do Povo. E dizem que vai continuar assim até o fim do ano. E depois só vai ficar um médico para fazer consulta. (um leitor da TO-Esperantinópolis, Maranhão).

Dois homenagens ao Partido Comunista do Brasil foram destaque nesta semana no Fala o Povo. Ambas foram escritas por motivo da proibição do ato que este Partido deveria realizar na Assembleia Legislativa de São Paulo, no dia 28 de novembro, exigindo sua legalização.

A migo leitor: continue a escrever para nosso jornal! Conte os problemas que enfrenta em seu trabalho, no bairro, na escola. Tire lições do que vê e procure encontrar as formas de solucionar estas dificuldades. Faça do Fala o Povo a seção mais lida do seu jornal! (Olivia Rangel)



fala o POVO

Crefisul demite sindicalista que criticou o governo

Democracia é bom em nossa casa, não em nosso quintal. Esse parece ser um lema dos norte-americanos em todo o mundo. Um lema não só de seus governantes, como Reagan, mas também de suas multinacionais, que se espalham por todo o mundo, explorando os povos.

O Citibank, uma das multinacionais que ajudaram a financiar o golpe militar de 1964, obtem seus frutos desse investimento, pois é o maior credor individual do Brasil, mais de 5 bilhões de dólares, e retira de nossa pátria 20% de seus lucros em todo o mundo.

Lucra também com o estado autoritário e a legislação fascista que ajudaram a implantar no Brasil. Com a recente cassação da diretoria do Sindicato dos Bancários de S.P. durante a greve de 21 de Julho, com base na C.L.T., obrigaram o diretor do Sindicato, José Eduardo Molina, que era funcionário de uma de suas associadas, o Grupo Crefisul, a retornar às suas funções, sendo o único Banco particular a fazer isso.

E chamaram-no de volta, para “cercar-lhe a atividade sindical e não ir

contra o governo”, como disse um alto executivo do Banco. Começou aí uma fase de cerceamento das atividades sindicais do Molina, que culminou com a sua demissão, arbitrária e ilegal, por ele ter estabilidade no emprego até um ano após a cassação.

O motivo alegado para a demissão desse sindicalista é que a sua ação dentro da empresa, tentando fazer com que fossem realizadas eleições limpas e democráticas para a Associação de Funcionários da Crefisul, tinha sido a “gota d’água”, pois estavam com ele atravessado na garganta. Afinal onde já se viu contestar a autoridade dos nossos todos poderosos filhos do irmão do norte?

O que nos anima a denunciar essas arbitrariedades e levar adiante a luta sindical, é a certeza de que está cada vez mais próximo o dia em que expulsaremos a intervenção do Ministério do Trabalho de nosso Sindicato e os militares do poder, assim como seus patrões imperialistas de nossa pátria, para construirmos um Brasil independente e democrático. (grupo de bancários vendedores da TO-São Paulo, SP).

Na Instron patrão invade WC feminino

Na Instron a exploração do homem pelo homem ultrapassa as raízes do absurdo. O filho do dono da empresa, que se chama Norman, invade os banheiros das mulheres distribuindo pontapés, não permitindo que elas façam suas necessidades e insultando a todos com palavrões.

O banheiro dos homens também é invadido com violência. Quem é pego lá dentro leva advertência sem motivo nenhum. Os os banheiros da produção têm meia porta, para que o dono veja se as pessoas estão fumando. Quem fuma é mandado embora.

Além do Norman, que invade banheiros, há também os chefetes do dono da empresa, o Wallace, verdadeiros cães de fila. São eles: o José Torres, conhecido como Maçarico; o Ailton, conhecido como barriga de cachorra velha, o Almeida (anun branco), o José Capa Branca, que tem o mau costume de espiar os banheiros das operárias e que demitiu uma seção inteira de mulheres, dedurando todo mundo. Tem ainda o Camargo, perseguidor de operário, dedo-duro e corrupto.

Queríamos relatar o caso de um companheiro ferramenteiro que foi mandado embora porque o dono, ao cheirar sua boca **suspeitou** (!!) que o mesmo teria fumado no banheiro. E olhe que o rapaz

era crente.

Trabalhamos das 7:30 às 18 horas e nunca tivemos horário de café, que é um direito adquirido. Quando alguém se atreve a levar lanche para a seção, o dono e seu filho arrancam o lanche da mão do operário, jogam no chão, pisam e jogam no lixo, gritando que não é para comer.

Somos mensalistas, portanto temos o direito de faltar um dia se necessário. Mas na Instron, se faltamos ou atrasamos perdemos dois dias de feriado. O pagamento atrasa cinco dias todo mês.

O Wallace tem vários policiais como aliados. Mas não pense esse patrão fascista que nós, operários, temos medo. Vamos acabar com ele e com este regime militar de fome e opressão que permite esses abusos. (operários e ex-operários da Instron-São Paulo, SP).



Dia Nacional da Consciência Negra

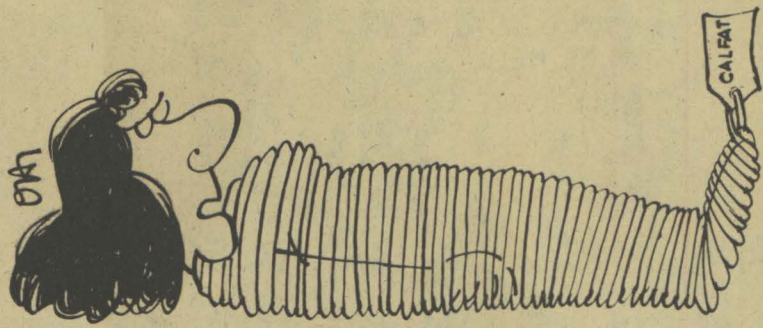
Panfletos com conotação racista que inferiorizam a figura dos membros da comunidade afro-brasileira estão sendo distribuídos no interior de São Paulo: já foram encontrados em São Carlos, Campinas, Araraquara e São José dos Campos. Os autores são representantes da sociedade burguesa, com o mesmo pensamento ou representando o mesmo grupo de Domingos Jorge Velho, bandeirante que em 20 de novembro de 1695 assassinou Zumbi, o grande líder do povo de Palmares.

A história brasileira não faz a menor referência aos heróis negros, pelo contrário, a história do dia-a-dia publicada nos jornais burgueses omite fatos como este, tornando-se conivente com a situação.

Esse alvoroço dos reacionários pre-

nuncia a Semana Nacional da Consciência Negra, comemorada em todo o Brasil na semana anterior ao dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. Ocorreram várias manifestações culturais em todo o Brasil. Em São Paulo, além de várias atividades promovidas com o apoio do governo, foi realizado em São José dos Campos o VI Festival Comunitário Negro Zumbi, com atividades como palestras, filmes, esportes, roda de samba, teatro, música, etc.

Assim, mesmo contra a vontade de alguns, colocamos mais um tijolo na construção de um povo amanhã para todos nós, sem discriminação racial, num governo democrático e popular. (Geraldo do Nascimento, membro da Coordenação Estadual do Movimento Negro Unificado, São Paulo).



Operários da Calfat não recebem FGTS

A indústria de tecidos Garrier Calfat é um exemplo vivo da indiferença dos patrões para com a classe operária, pois só quer nos explorar e humilhar, levando-nos à fome e ao desespero.

A empresa não deposita Fundo de Garantia. Quando os companheiros saem de férias não recebem seus salários, pois a empresa só paga após dois meses. Ou seja, se ele voltou no dia 10 de setembro, só recebe no dia 10 de novembro.

Não se aceita atestado médico que não seja da firma. Se a pessoa adoecer à noite ou fora do horário da firma, terá que trabalhar doente ou esperar atendimento da empresa.

O pagamento do vale tem atrasado constantemente. Sabemos que a indústria está em concordata, mas esse

fato não a autoriza a lesar os direitos dos trabalhadores.

A atual diretoria de nosso Sindicato de classe (têxteis) é completamente omissa, não apoiando sequer seus diretores. A classe operária precisa mudar este estado de coisas, precisa se unir mais do que nunca.

Estes fatos mostram para nós, operários, que só tem uma saída para resolver nosso problema: a derrubada deste regime militar de fome e desemprego, que favorece os grandes empresários e as multinacionais e ataca os operários impiedosamente. É urgente que criemos uma nova ordem política, social e econômica em nosso país, para que realmente tenhamos um Brasil independente e livre! (operários da Calfat-São Paulo, SP).

Delegado sindical é ameaçado de morte

Leonardo Gonçalves de Souza, conhecido por Léo, delegado sindical em Muçambo de Cima, município de Itapipoca, está sendo ameaçado de morte pelo latifundiário José Ronaldo.

Por que? O latifundiário soltou o gado na roça dos trabalhadores. O Léo, cumprindo seu dever de delegado sindical, deu todo apoio aos trabalhadores que reclamaram. Não adiantou. O latifundiário soltou o gado pela segunda vez. Os trabalhadores não vacila-

ram: mataram um garrote. Então veio o inquérito responsabilizando o Léo, acompanhado das ameaças de morte.

O Léo não se intimidou, nem os trabalhadores, que retribuíram o apoio. Passaram a acompanhar em grupo o delegado sindical quando vai à cidade: E no dia da audiência, compareceram ao cartório cerca de 150 trabalhadores. E prometem: “Na próxima audiência, vamos em dobro, pelo menos”. (do correspondente de Itapipoca, Ceará).



Posto militar dos invasores ianques em Granada.

Reagan é o carrasco

Os ianques, com seu olhar de sanha, invadem a pequena Granada, munidos de metralhas e helicópteros semeadores do ódio que implode o coração imenso da primavera.

Os ianques sabem a cães amestrados anelando pelo sangue meu e vosso Anelando pela chacina, esta sanha não termina; esta sanha me fulmina a mim e a ti; ao meu e ao teu coração.

Em Granada, resistem os trabalhadores. Armados de esperanças e flores, resistem ao fogo e à ordem do carrasco norte-americano ao imperialismo sanguinário

Em Granada chove balas e cospe o ódio pela metralha. Em Granada como em Beirute corre o risco da fornalha.

Em Granada como em Beirute, Nixon tem outro nome; em Granada como no Vietnã Hitler tem outro nome: Reagan é o nome do carrasco de nosso tempo chacinado, Reagan é a chancela do malvado, do cão amestrado...

Mas a nossa América Latina resistirá a mais esta traição A mais esta invasão, responderemos com bala, dentes acirrados. Resistiremos... resistiremos... resistiremos...

(T.B.-Goiania, Goiás).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Liberdade e união sindical

A realização do Conclat de Praia Grande reabriu a discussão em torno da unidade — ou melhor da reunificação — do movimento sindical. Unidade e divisão são hoje duas tendências em forte disputa e cada uma delas tem suas bases.

MUDANÇA DA BURGUESIA

Na época de Vargas, a burguesia sentiu a necessidade de conter o ímpeto das lutas operárias com a falsa idéia da colaboração de classes. Com base nesta concepção paternalista tratou de promover uma estrutura sindical atrelada ao Ministério do Trabalho e colocou nas direções das entidades elementos de sua confiança, os pelegos. Mas hoje este esquema está se esvaindo. Os pelegos vão se desmoralizando, alguns sindicatos já passaram para as mãos de trabalhadores combativos e as lutas de massas criam condições para articular tanto as intersindicais estaduais como uma central única em plano nacional.

Adaptando-se a esta nova realidade uma parcela da burguesia passa a defender a “liberdade sindical” contra o atrelamento. E certos líderes sindicais não percebem — alguns fingem apenas que não percebem — que na boca dos patrões liberdade sindical quer dizer divisão sindical. Este desatrelamento tão generosamente defendido pela burguesia — o senador Carlos Chierelli, do PDS, é um dos patrocinadores desta idéia — visa colocar em campo outras reservas mais adequadas ao momento. E o plurissindicalismo é a principal delas. Cada grupo, cada corrente teria a “liberdade” de fazer o seu sindicato — e com isto em vez da unidade do Ministério, o esfacelamento das entidades que seria a arma para impedir o sucesso das lutas.

Deste modo, uma casual que tanto certos esquerdistas — como alguns pelegos saem em tempo para dizer que “o melhor é cada um ter a sua central sindical” porque a concorrência fortaleceria o movimento.

OFENSIVA DO CAPITAL

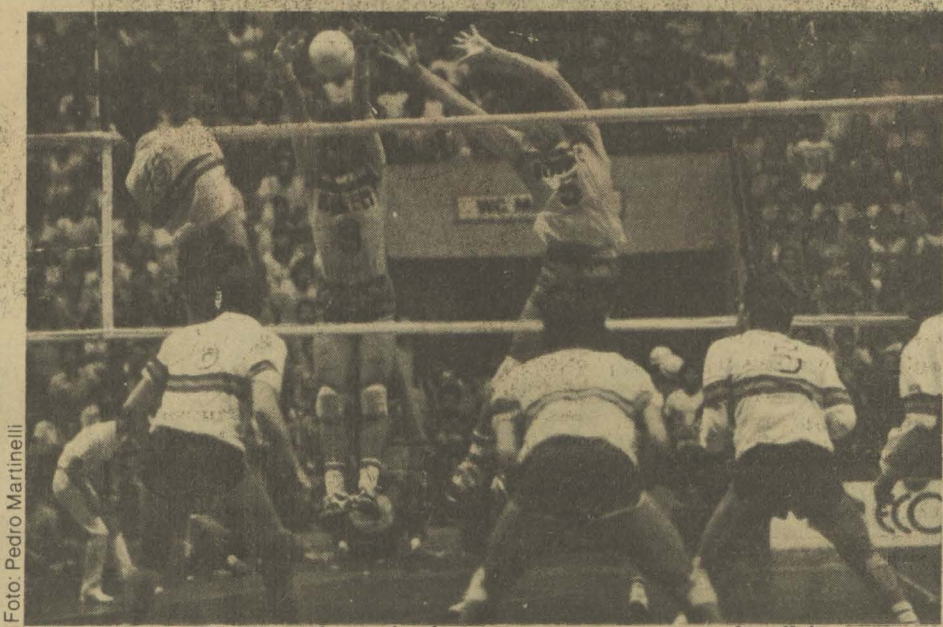
Mas ao lado destes planos mafiosos, os próprios patrões, com sua brutal ofensiva contra os operários, alerta as massas para a urgente necessidade da união. Quase por instinto os trabalhadores sentem que só a unidade pode criar uma barreira ao avassalamento do país pelo capital internacional e impedir o massacre do proletariado pela burguesia.

Foi isto que aconteceu em Praia Grande. A base não acatou a tentativa de certas cúpulas pelegas de cristalizar a divisão com uma outra central sindical. Da mesma forma, pelos Estados a central de São Bernardo tem encontrado resistência aos seus planos de desmontar as intersindicais locais para criar organismos filiados exclusivamente a ela.

A principal base da greve geral, que tanto se discute hoje, é contraditória com a pregação da divisão. Greve geral só é de fato geral se houver uma articulação unitária. E se existir unidade para uma luta de tanta importância, por que então não é possível uma única entidade?

UNIDADE DAS BASES

Desta forma, se por um lado a burguesia pressiona para a divisão pela cúpula, a unidade tem como fator fundamental as bases. Unidade que se realizará num único sindicato por categoria e num única central nacional. Unidade na luta pela liberdade, contra o atrelamento ao Ministério do Trabalho, e contra os que confundem desatrelamento com plurissindicalismo. Unidade que exige um trabalho de esclarecimento paciente e um combate impiedoso a todas as manifestações de exclusivismo — inclusive as que surgem no meio operário com a “boa intenção” de levar até o fim as idéias revolucionárias.



O bloqueio da Pirelli: um forte triunfo na luta pelo campeonato brasileiro.

Pirelli, favorita no campeonato de vôlei

Serão disputadas, entre os dias 15 e 24 deste mês, as semifinais do Campeonato Brasileiro de Vôlei Masculino. A Pirelli de Santo André, atual campeã paulista, brasileira, sul-americana e mundial, é a grande favorita, ficando as chances menores para a Bradesco-Atlântica e o Atlético Mineiro.

O vôlei brasileiro volta a ocupar espaço destacado no noticiário esportivo e a arrastar grandes públicos para os ginásios esportivos. As finais do Campeonato Brasileiro, categoria principal, exibirão o que há de melhor no ascendente vôlei nacional, campeão pan-americano e vice-campeão mundial.

Pirelli, Bradesco-Atlântica, Palestra de Rio Preto, Botafogo RJ, Minas Tênis Clube, Atlético Mineiro, Sul Brasileiro de Porto Alegre e CCE de Manaus são os finalistas. As partidas serão disputadas em Santo André e Belo Horizonte, com os clubes divididos em duas chaves. Os dois primeiros de cada grupo disputarão as finais, em local a ser definido após serem conhecidas as equipes classificadas.

A Pirelli, que tem em seu plantel metade da seleção brasileira, dentre eles o capitão William, considerado o melhor armador do mundo, reúne grande favoritismo para chegar às finais do torneio e arrebatar o título. A equipe joga com a atual formação desde o início do ano passado e até hoje não perdeu nenhum dos títulos que disputou, incluindo-se aí o Campeonato Sul-Americano e o Mundial Interclubes, disputado no mês passado em Buenos Aires.

Amauri e William, que não vinham jogando as últimas partidas, já estão recuperados e o técnico Brunoro também poderá contar com Domingos Maracanã, que cumpria o estágio obrigatório por ter se transferido do Santos para o Santo

André.

A Bradesco-Atlântica, vice-campeã brasileira e sul-americana, é a única concorrente capaz de oferecer alguma resistência ao poderoso time da Pirelli. A outra metade da seleção titular — Bernard, Fernando e Renan — defende suas cores e a equipe conta ainda com o excelente levantador Bernardinho e o experiente Suíço. Sem falar na direção competente de Bebetto, técnico do selecionado nacional.

As duas equipes mineiras, Tênis e Atlético deverão compor o quarteto dos finalistas, com mais chances para este último, que tem em Badalhoça, Aloísio e no veterano Luis Eymard as suas grandes estrelas.

Paralelamente ao torneio masculino, estão sendo disputadas também as semi-finais do Campeonato Brasileiro Feminino, que deve apontar como campeã a “super-equipe” da Supergasbrás. Apesar do favoritismo da equipe carioca, o equilíbrio entre as demais equipes é bem mais acentuado do que na categoria masculina. Paulistano, Fluminense e Pirelli praticamente brigam em igualdade de condições pela segunda vaga de finalista e não será grande surpresa se algum deles alcançar o título.

Nenhum torcedor duvida que a disputa será de excelente nível técnico. E como não tem goleiro fazendo cera, zagueiro distribuindo pontapés e nem existe placar zero a zero, o espetáculo merece atenção. (J. Madureira)

Altemar Dutra, a lembrança de um trovador romântico

“Sonhei que eu era um dia um trovador, dos velhos tempos que não voltam mais...” Esquecido pelas gravadoras, rádios e tevês brasileiras, o canto de Altemar Dutra buscava projeção entre a comunidade latino-americana em Nova Iorque quando sua carreira foi subitamente interrompida pela morte no último dia 9.

Com 20 anos de profissional da música, Altemar morreu aos 43 anos. Mineiro de Aimorés, o cantor chegou a ser conhecido como o “Trovador das Américas”. Explicava o próprio sucesso: “Eu tenho muita sorte como cantor. Quando não estou lançando nada novo, aparece esta tal de nostalgia e eu continuo fazendo sucesso. Sou antigo e sou atual”.

Na esteira de sua morte, os grandes meios de comunicação aproveitaram para fazer programas especiais e até mesmo — supremo favor! — incluir suas interpretações na programação normal. Passados uns dias, voltará para as prateleiras das emissoras, mais preocupadas em divulgar o lixo que nos é imposto pelo colonialismo cultural. O romantismo de Altemar Dutra ficará, contudo, na memória popular.



Altemar Dutra: Trovador das Américas

Publicações da Editora Anita Garibaldi

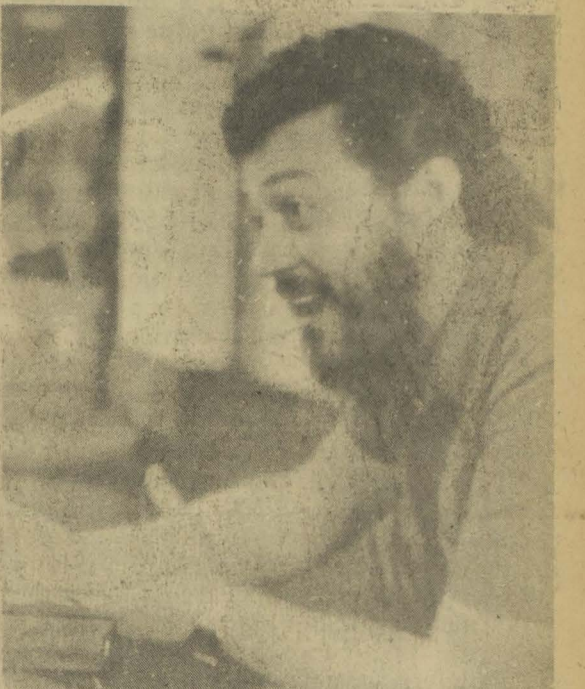
O Eurocomunismo é Anticomunismo (E. Hoxha)	R\$ 1.500,00
O Imperialismo e a Revolução (E. Hoxha)	R\$ 1.500,00
Relatório ao 8º Congresso do PTA (E. Hoxha)	R\$ 1.000,00
Discurso aos eleitores (E. Hoxha)	R\$ 400,00
Guerrilha do Araguaia (2ª edição)	R\$ 2.000,00
Farabundo Martí, herói de El Salvador	R\$ 400,00
Os Comunistas e as eleições (V.I. Lênin)	R\$ 600,00
A Educação Revolucionária dos Comunistas (D. Arruda)	R\$ 800,00
O Revisionismo Chinês de Mao Tse-tung (J. Amazonas)	R\$ 1.000,00
Pela liberdade, pela democracia popular (J. Amazonas)	R\$ 800,00
Socialismo - ideal da classe operária (J. Amazonas)	R\$ 800,00
Princípios (Nºs 3, 4, 6) o exemplar:	R\$ 500,00

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., com envio de cheque nominal no valor da compra: Rua Major Quelidim, 300, sala 3, CEP 01050, Bela Vista, São Paulo, Capital.

Taiguara põe fim ao exílio musical

Há muito tempo afastado do cenário musical, Taiguara voltou a gravar. E seu mais recente LP, “Canções de Amor e Liberdade”, nos revela um novo artista: “Através deste disco pretendo fazer a única união legítima possível para o Brasil — com os povos latino-americanos”.

“Já que nós estamos importando, e de certa forma tão viciados em ouvir o que não é puramente brasileiro, fiz essa opção (união com os latino-americanos), que difere da de alguns compositores e cantores que misturam música brasileira ao rock americano, ao rock invasor de Granada, Líbano, e que invadiu o Brasil dessa forma tão covarde, que é a invasão cultural”.



Taiguara: amor e liberdade nas canções

Nesse primeiro trabalho, após tantos anos de silêncio, Taiguara gravou boleros, guarânias, e faz uma parceria vocal com a dupla sertaneja Cacique e Pajé, na música “Voz do Leste”.

O cantor praticamente parou de gravar em 1973, quando a censura vetou 43 músicas suas, ou seja o trabalho de um ano inteiro. Após esse episódio, viajou, num exílio involuntário, por toda África e América Latina.

Sua canção “Estrela Vermelha”, uma das faixas do seu novo LP, retrata bem o que sentia o jovem de 28 anos obrigado a exilar-se por não ter condições de trabalhar no seu país — “Cai a noite no cais, se escurece meu peito infeliz. Água que jorra de mim e aumenta o mar entre nós: um homem só e seu País...”

43 músicas vetadas pela ditadura

O novo trabalho desse compositor certamente não lembra músicas como “Universo no teu corpo”, “Viagem”, “Mudou” e tantas outras que marcaram seu lado romântico. Lembra, sim, muitas músicas que se calaram, tal como as de Vandré, que optou no seu retorno pela advocacia, e as de Gilberto Gil, que abraçou o americanismo invasor...

Para nós, brasileiros desabitados de ouvir todas essas vozes, ao escutar o LP “Canções de Amor e Liberdade”, certamente soarão estranhos os ritmos e as letras das músicas, porque estaremos diante de algo tão velho como o homem, porém tão desusado, o amor...

“A música ‘Teu sonho não acabou’, que gravei em 1972, sempre quis dizer que para nós o sonho só começou, porque o Brasil é um país novo, criança, que ainda não teve o direito de nascer, pois nós somos uma nação 60% africana e querem nos fazer crer que somos europeus americanizados. Todo nosso carinho, nossa maneira, essa emoção, esse jeito de amar é guarani. O povo brasileiro é um povo bonito, muito maneiro, o Brasil é amado no mundo, o brasileiro é bem compreendido o que nós temos é um governo muito feio.”

O panorama da música brasileira atualmente é bom em termos criativos e péssimo em termos quantitativos e qualitativos, devido a todas as influências que repercutem em nosso país e até pela própria situação que a nação atravessa.

“Por um ou dois anos após a institucionalização do AI-5, ainda resistiu uma música brasileira organizada, ou seja, aquela música que não obedece ao contra-tempo, (compasso) obrigatório do rock. Depois desse período, até baiano e xaxado começaram a ser gravados com esse contra-tempo. A partir daí, certos movimentos culturais-musicais, que pretendiam salvar a música brasileira, a bossa nova, só nos revelaram metade da obra de Osmon de Andrade, e só metade do que interessava no campo da poesia. Daí surgiu a desculpa para a introdução da tecnologia na área da música...”

Ocorre que, ao invés de colocar essa tecnologia a serviço de uma música nossa, aproveitaram a

Carir e lutar com o povo

Em “Canções de Amor e Liberdade” Taiguara faz uma opção clara: “Daqui para a frente o que quero é cantar honesto, cantar o que vejo e sinto como sendo o Brasil atual”.

Essa forte determinação está expressa na música “O Amor da Justiça” onde o compositor esclarece por que ficou tantos anos afastado do meio musical: “Já não quero cantar esse amor sem justiça, que me censurou, me cegou pra essa fome em você...”

Todas as faixas do disco trazem a marca do bom poeta que Taiguara sempre foi e continua sendo. Suas letras incluem muito de vivência, de realidade, da luta por um ideal, que caracterizaram uma geração que aos poucos volta a levantar a cabeça.

Marginalizado por tantos anos, voltou agora muito mais maduro e com conhecimento do que é a verdadeira música popular brasileira: Já no seu próximo disco pretende gravar todo um dos lados com sambas, contando com a participação especial da bateria da Mocidade Independente. O outro lado será dedicado à expressão maior da nossa música: o choro.

— “Cantar sim, mas bem mais honesto é lutar com você...” (A.A.)

ocasião para infiltrar junto com a tecnologia também as músicas estrangeiras em grande escala. O que está se fazendo hoje não é música brasileira, e rotula-se como tal. Na verdade, já não é mais a tecnologia, o progresso da ciência, a serviço da cultura brasileira. Agora é a tecnologia e o progresso a serviço da mistificação, a serviço de fazer passar por brasileiro aquilo que não é.

Tecnologia para a mistificação

— “As pessoas me dizem: ‘você é reacionário. Por que a música brasileira não pode usar guitarra ou sintetizador?’ O caso é que não se trata disso. Eu mesmo usei guitarra e sintetizador para fazer guarânias e boleros. Porém esses instrumentos devem ser usados apenas para dar um colorido moderno, e não para desalojar o violão e o cavaquinho.

— “Apesar dessa situação, ainda existem os guerreiros. Eles continuam lutando contra o rock. Continuam preservando o seu caráter brasileiro, porque sem caráter não dá nem para viver, que dirá fazer música?! Agora, nos meios de comunicação, o que faz sucesso é uma música que se diz brasileira, mas no máximo consegue lembrar que estamos no Brasil” (Angela Abreu e Marilene Toledo).

Êxitos na greve do ABC

Os metalúrgicos de São Bernardo, no ABC paulista, voltaram a dar sua importante contribuição na luta contra a política de arrocho salarial do governo. Com a greve deflagrada no dia 8 e encerrada na maioria das montadoras nesta quarta-feira, dia 16, a categoria deu um golpe no decreto-lei 2.065, conseguindo reajustes acima do previsto nos limites impostos.

Ameaçados de terem seus salários reajustados com base numa combinação dos decretos-leis 2.045 — derrotado no Congresso Nacional — e 2.065, cerca de 53 mil metalúrgicos entraram em greve fora da época do dissídio coletivo. A primeira a parar foi a Ford, com seus 12 mil operários cruzando os braços no interior da fábrica, no dia 8. No dia seguinte, a greve atingiu as outras grandes montadoras de automóveis: Volks (28 mil empregados), Volks Caminhões (2.500), Mercedes (9.500) e mais oito médias e pequenas empresas da região.

A princípio, os patrões recusaram-se inclusive a sentar na mesa para discutir com os membros da diretoria cassada do Sindicato ou com as Comissões de Fábrica. Alegaram que não os reconheciam como negociadores e que a concessão de reajuste superior ao limitado nos decretos era "algo fora da lei". Dada a coesão dos grevistas e o alastramento da paralisação, foram obrigados a negociar.

A primeira a ceder foi a Ford, que propôs o seguinte acordo: reajustes de acordo com o 2.065, como efeito cascata, até 10 salários; acima de 10, um reajuste fixo de 49%; desconto dos dias parados, mas pagamento integral do 13º, das férias, do domingo e do feriado; e um abono

de 20% do salário reajustado para quem ganha até sete salários e de 30% para os que ganham entre sete e 15.

"Mostramos mais uma vez que não somos carneiros"

Às 6:30 horas da quarta foi realizada assembleia no pátio da Ford. Cerca de 3 mil operários do primeiro turno concentraram-se para ouvir a explicação da diretoria cassada do Sindicato sobre a proposta da empresa, e depois votaram: a maioria ergueu os braços para aprovar a assinatura do acordo; só três votaram pela continuidade da greve. "Sabemos a hora de começar uma greve, tanto que demos o chute inicial. Mas já aprendemos também qual a hora que temos de voltar a trabalhar, não colocando tudo a perder", comenta um operário da modelagem. Um ferranteiro com 15 anos de firma dá sua opinião sobre o acordo: "Não é dos melhores. Nós queríamos o tal do INPC por inteiro para todos. Mas já é uma vitória. Entrou na fábrica de cabeça erguida. Mostramos mais uma vez que não somos carneiros; não aceitamos as sacanagens do governo e dos patrões sem an-



Na Ford, os grevistas aprovam o acordo. Na Mercedes, eles aguardam as negociações

tes fazer o nosso protesto".

Alberto Eulálio, o conhecido Betão, coordenador da Comissão de Fábrica da Ford, diz à Tribuna Operária que está contente com o resultado da paralisação: "Tivemos uma vitória política e inclusive financeira. O abono vai compensar os dias de greve que serão descontados. Mesmo sem o Sindicato, com o interventor dentro dele, nós mostramos que estamos organizados, dispostos à briga contra o governo".

Pressão fascista não consegue dobrar operários

Terminada a assembleia na Ford, os membros da diretoria cassada recolhem o precário sistema de som e dirigem-se para a Mercedes. A multinacional alemã utilizou-se de um forte esquema de repressão para obrigar os grevistas a voltarem ao trabalho. Logo à entrada, distribuiu um "Boletim Informativo", no qual afirma mentirosamente que "sabemos que a maioria voltou disposta a trabalhar" e mais adiante ameaça os que se mantiverem parados: "Os prejuízos serão irrecuperáveis". No final, a firma diz cinicamente: "Nós confiamos em vocês".

Segundo José Malta, diretor de base da entidade, "a empresa aproveitou que o pessoal estava frio, depois de quatro dias de descanso, e armou um violento esquema de pressão. Distribuiu o folheto, fez reuniões por setor, colocou todos os chefes para pressionar os peões, e ainda ligou várias vezes a sirene para amedrontar o pessoal. Com isso alguns setores, como a estampa-



Foto: Rogério Montenegro

ria e a montagem, ameaçaram trabalhar".

Mas todo este esquema não coibiu os grevistas, que se mantiveram com os braços cruzados. Quando a diretoria cassada chegou à empresa, todos deixaram sua seção, na base do arrastão, e foram participar da assembleia, às 8:30 horas.

"Agora, sim, dá mais ânimo para continuar parado. Se a Ford já cedeu, por que a Mercedes não vai ceder? Ela também teve bons lucros e pode dar um aumento melhor", desabafou um operário da estamparia, que completou: "Não estamos dispostos a voltar para o trabalho de mãos abanando. Já que entramos em greve, temos que ir até o fim". A decisão da assembleia foi a de que a Mercedes deve continuar com as máquinas desligadas,

mas aguarda-se para breve uma negociação. Caso isto não ocorra, a diretoria cassada do Sindicato adverte: "Se voltarmos a trabalhar sem nenhum acordo, os trabalhadores prometem que a qualidade dos veículos não será a mesma, será bem pior".

Greve dá um golpe nos decretos de arrocho do governo

Na maior montadora do ABC, a Volks, a assembleia foi curta e grossa. Ao saber que a Ford fechou o acordo, a multinacional alemã assinou um protocolo de intenções com a Comissão de Fábrica dizendo que concederia as mesmas conquistas. Por unanimidade foi aprovada na assem-

bléia das 10:30 horas a assinatura do acordo e o encerramento da greve. Até o fechamento desta edição, só três empresas continuavam paralisadas: a Mercedes, a Forjaria São Bernardo e a Reifenhäuser.

Para Jair Meneghelli, presidente cassado do Sindicato, "embora o acordo aceito nestas empresas não seja dos melhores, é razoável e significa uma vitória. Além da vitória política, pois na prática não prevalecerá o 2.065 e nem o 2.045, tivemos algumas conquistas financeiras. Isto ergue o moral da categoria, dá mais disposição para luta. Mostra que só através da luta, da organização é que se consegue arrancar alguma coisa dos patrões e do governo".

(Altamiro Borges)

OPINIÃO

Primeiros golpes no 2065

A luta contra o 2.065 entra agora numa nova fase. É verdade que o decreto do arrocho passou no Congresso Nacional, graças à chantagem do governo e à traição do PTB. Mas não passou na garganta da classe operária.

Já vão se desenhando os contornos desta nova fase. O acordo conquistado na greve pelos metalúrgicos das montadoras de São Bernardo foi uma amostra. Se não chegou a rasgar o 2.065, é indiscutível que lhe vibrou um golpe. A campanha salarial dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos também arrancou mais aos patrões do que o decreto estipula. Não foi muito, é verdade. Mas foi. No Rio Grande do Sul, o Tribunal Regional do Trabalho homologou

vários acordos concedendo reajustes de até 110% sobre o INPC, o que para a lei vigente é heresia.

É bom lembrar que há no mundo dois tipos de lei: as que "pegam" e as que "não pegam". No caso do decreto do achatamento salarial, há forças poderosas, com o FMI e os banqueiros internacionais à frente, que jogam pesado pela sua aplicação à risca. Mas são forças repelidas pela grande maioria da Nação. Por seu lado, os trabalhadores dão início a uma guerra de fustigamento, por empresa, por categoria e no plano geral. Dependendo da competência, da unidade e da coragem, essas ações de combate poderão atirar o 2.065 no cemitério das leis que "não pegaram".

Gaúchos propõem Congresso popular

A realização de um Congresso do Movimento Popular foi a principal resolução aprovada no representativo VI Congresso de Associações de Moradores do Rio Grande do Sul, ocorrido nos dias 12 e 13 de novembro, em Porto Alegre. Participaram do evento 350 entidades de moradores, com cerca de 850 delegados de 30 municípios do Estado.

Para encaminhar a preparação do Congresso do Movimento Popular gaúcho, foi formada uma

comissão de trabalho composta por diretores de várias Unões Municipais e da Fracab (Federa-

ção Riograndense de Associações Comunistárias e de Amigos de Bairros) — entidade promotora do encontro. Esta comissão deverá se lançar imediatamente na tarefa de articular um representativo e unitário Congresso. Ela tem um prazo de 45 dias para se reunir com representantes de Sindicatos, de entidades comuni-

tárias, estudantis e populares, visando a marcar em definitivo a data e os objetivos do encontro do movimento popular.

"Unificar as lutas populares"

Entrevistados pela Tribuna Operária, os dirigentes das entidades de moradores acreditam que a realização deste Congresso representará um grande avanço no movimento popular. Neio Pereira, diretor da União de Moradores de Porto Alegre, destacou que o Congresso "vai organizar e unificar as lutas populares, propondo uma saída para esta situação de penúria que o povo está vivendo. É importante ressaltar a acolhida unitária à proposta por parte do plenário, refletindo na disposição do povo de avançar e dar fim ao regime militar, colocando em seu lugar um novo governo, provisório".

Já o secretário-geral da União das Associações de Bairros de Caxias do Sul, Pedro Posenato, afirmou que "a decisão de realizar este Congresso é uma grande vitória das forças empenhadas na união do povo para por fim ao governo militar. Numa conjuntura que se agrava dia a dia, em que o poder dos generais está em crise, é preciso que o povo

apresente sua alternativa de poder através de um amplo movimento popular com a participação de Sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais, Associações de moradores, movimento dos desempregados, das mulheres, entidades estudantis e demais entidades de cunho popular".

Por sua vez, Nelson Gautério Sá, presidente da União dos Moradores de Novo Hamburgo, disse que "frente ao esgotamento do regime militar, os setores populares precisam se articular cada vez mais, acabando de uma vez por todas com estas divisões. Sem isto o movimento popular vai continuar patinando. O Congresso aprovado definirá eixos de luta para o nosso Estado e terá reflexos em todo o país". E o presidente da Fracab, Wenceslau Fontoura, acrescentou: "Será mais um passo para unificar toda a nação em busca da eliminação das causas da imensa instabilidade que pesa sobre o nosso país".

"Pelo fim do regime militar"

Agora esta importante resolução, o IV Congresso da Fracab aprovou as principais lutas e reivindicações dos moradores de vilas e bairros, dentre as quais se destacam: fim do regime militar

e sua substituição por um governo provisório patriótico, democrático e popular; suspensão do pagamento da dívida externa até que o povo se pronuncie; repúdio às medidas de emergência em Brasília; legalização de todos os partidos políticos obrigados a viverem na clandestinidade; unificação do movimento sindical, com a aproximação da CUT-São Bernardo com o Conclat-Praia Grande; congelamento dos preços dos produtos básicos; regularização dos loteamentos clandestinos; passagem gratuita para os desempregados; saneamento básico e instalação de postos de saúde nas vilas populares.

"Viva a união do povo do Brasil"

No encerramento do encontro, o morador Adair Machado, do bairro de Camobi, em Santa Maria, falou à Tribuna Operária: "O importante agora é que as propostas aprovadas não fiquem engavetadas, que sejam levadas à prática para que nós, os brasileiros, coloquemos fim neste regime". A forte presença popular e o grande espírito de luta do Congresso foram sintetizados na saída, quando todos os delegados gritavam: "1, 2, 3, 4, 5, mil, viva a unidade do povo do Brasil". (da sucursal).



Já na fundação da União de Moradores de Porto Alegre, a preocupação com a unidade do movimento popular